



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA NAS PARÓQUIAS BRASILEIRAS

Dissertação

Cynthia de Cássia Rocha Santos

Trabalho realizado sob a orientação de

Carla Freire

Lisboa, 2025

Comunicação Acessível

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Desejo manifestar a minha sincera gratidão a todos os que, de diferentes formas, contribuíram para a concretização desta etapa tão significativa da minha vida académica e pessoal.

Em primeiro lugar, expresso o meu profundo reconhecimento à Professora Carla Freire, pela orientação dedicada, pelo rigor científico e pela constante disponibilidade. A sua orientação foi essencial para a realização deste trabalho.

À minha família, alicerce e fonte de inspiração, dirijo um agradecimento muito especial. À minha mãe, Adailce, e ao meu pai, Antônio, agradeço por serem mestres no amor, na determinação e na coragem. Cada conquista alcançada é também vossa, fruto do apoio incondicional, do carinho e da confiança que sempre me transmitiram.

Agradeço igualmente ao Monsenhor Jonas Abib, que me ensinou que devemos ser tudo para todos. Suas lições me inspiraram a procurar sempre o melhor de mim e a dedicar-me com amor e compromisso a cada desafio, mesmo que isso exija, sangue, suor e lágrimas.

Por fim, e acima de tudo, agradeço a Deus, pela força e pelo amparo em cada momento desta caminhada. Foi Ele quem me capacitou, inspirou e sustentou quando os limites pareciam intransponíveis. Quando pensei que o tempo era meu inimigo, descobri, como recorda o Papa Leão XIII, que *“Deus trabalha nas profundezas, no tempo lento da confiança”*. É, portanto, com profunda gratidão que reconheço que cada esforço realizado valeu o seu custo.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a acessibilidade e a inclusão nas paróquias da Igreja Católica, com um olhar especial para as barreiras atitudinais, que podem impedir o envolvimento completo das pessoas com deficiência na vida comunitária e litúrgica. A finalidade deste estudo é analisar como as atitudes dos demais membros da paróquia podem estar associadas à inclusão ou à exclusão das pessoas com deficiência, tanto nas práticas de fé quanto na participação em atividades litúrgicas, pastorais e sociais. Para isto, utilizei uma metodologia quantitativa, com aplicação de três questionários direcionado aos grupos: paroquianos com deficiência, paroquianos sem deficiência e sacerdotes. Os dados coletados revelam barreiras arquitetônicas, comunicacionais e, principalmente, atitudinais, sendo estas últimas as que trazem maiores índices. Percebe-se que ainda falta muito investimento em recursos para inclusão, tais como intérpretes de Língua Gestual Brasileira e materiais adaptados. O estudo revela, no entanto, que, apesar de algumas ações pastorais, a verdadeira inclusão ainda está no início e demanda estudo, estratégias e ações. A pesquisa enfatiza a importância de criar uma cultura de acolhimento e respeito à diversidade, investindo na formação do clero e nos agentes pastorais, bem como a sensibilização de todos os paroquianos das comunidades. Por isso, propomos a produção de um guia com boas práticas, para ajudar na formação dos vários grupos e pastorais, e assim construir uma Igreja inclusiva de verdade, valorizando a dignidade e o protagonismo de todos os fiéis.

Palavras-chave:

Acessibilidade, Barreiras Atitudinais, Deficiência, Inclusão, Igreja Católica, Participação.

ABSTRACT

This study aims to analyze accessibility and inclusion in Catholic parishes, with a special focus on attitudinal barriers that prevent the full involvement of people with disabilities in community and liturgical life. The purpose of this study is to analyze how the attitudes of other parish members can influence the inclusion or exclusion of people with disabilities, both in faith practices and in participation in liturgical, pastoral, and social activities. To this end, I used a quantitative methodology, administering three questionnaires targeted at the following groups: parishioners with disabilities, parishioners without disabilities, and priests. The data collected reveal architectural, communicational, and especially attitudinal barriers, with the latter being the most prevalent. It is clear that there is still a significant lack of investment in resources for inclusion, such as Portuguese Sign Language interpreters and adapted materials. The study reveals, however, that despite some pastoral actions, true inclusion is still in its infancy and requires study, strategies, and action. The research emphasizes the importance of creating a culture of acceptance and respect for diversity, investing in the training of clergy and pastoral workers, as well as raising awareness among all parishioners in the community. Therefore, the ideal would be to produce a guide with best practices to help build a truly inclusive Church, valuing the dignity and protagonism of all believers.

Keywords: Accessibility, Attitudinal Barriers, Disability, Inclusion, Catholic Church, Participation.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	2
Resumo	3
Abstract	4
Índice Geral.....	5
Índice de Figuras.....	7
Índice de tabela	8
Introdução	9
Motivação pessoal.....	12
Problema de investigação e pertinência do estudo.....	13
Questão de Investigação e objetivos.....	14
Estrutura do trabalho.....	16
1 - Enquadramento teórico	
1.1 Contexto histórico da relação catolicismo e Pessoa com Deficiência.....	18
1.2 Deficiência e espiritualidade como dimensões da saúde	21
1.3 Atitudes.....	24
1.4 Inclusão de Pessoas com Deficiência em comunidades de Fé: Contributos dos estudos de Erik Carter (2012 - 2024).....	27
2 - Metodologia	
2.1 Tipo de estudo	37
2.2 Participantes.....	38
2.3 Técnicas e Instrumentos de recolha de dados	39
2.4 Técnicas de análise dos dados	42
2.5 Questões éticas.....	43
3- Apresentação e Discussão de Resultados	

3.1 Perfil da amostra	45
3.2. Participação na vida paroquial	49
3.3 Barreiras.....	53
3.4 Inclusão paroquial	59
 4- Conclusões	
4.1 Síntese dos resultados	67
4.2 Comparação com estudos internacionais	67
4.3 Implicações Pastorais	68
4.4 Respostas às questões de investigação	69
4.5 Propostas para a contribuição de uma Igreja mais inclusiva	70
4.6 Perspetivas futuras de investigação	73
4.7 Limitações do estudo.....	73
4.8 Consideração final	74
4.9 Conclusão em plenitude: Manual como fruto da investigação.....	76
Lista de referências bibliográfica.....	78
 Anexos	
Anexo 1 - Questionário no Google Forms - Acessibilidade na Igreja Católica para o público formado por paroquianos com deficiência	86
Anexo 2 - Questionário no Google Forms - Acessibilidade na Igreja Católica para o público formado por Sacerdotes e Párocos	91
Anexo 3 - Questionário no Google Forms - Acessibilidade na Igreja Católica para o público formado por paroquianos sem deficiência	97

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Dados Demográficos da Amostra – Tipos de deficiência

Figura 2 - Dados Demográficos da Amostra – Sexo

Figura 3 - Dados Demográficos da Amostra – Grau de instrução

Figura 4 - Dados Demográficos da Amostra – Faixa etária

Figura 5 - Participação paroquial – Missas dominicais, Missa diária, Pastorais, Grupo de oração e Catequese

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Dimensões que influenciam a participação nos serviços e cultos, segundo Erik Carter (2024)

Tabela 2 - Questões do estudo de Erik Cater no ano de 2023

Tabela 3 - Localização da população da amostra por estados brasileiros

Tabela 4 - Dados Demográficos da Amostra: Sexo, Idade, Tipo de deficiência, Grau de instrução

Tabela 5 - Participação paroquial: Missas Dominicais, Missa diária, Pastorais, Grupo de oração e Catequese

Tabela 6 - Percepção sobre níveis de inclusão

Tabela 7 - Níveis de barreiras arquitetônicas, atitudinais e comunicacionais nas Paróquias

Tabela 8 - Qualidade da Comunicação nas Paróquias quanto a qualidade de intérpretes, visibilidade do altar e linguagem do discurso

Tabela 9 - Barreiras atitudinais – Níveis das barreiras atitudinais nas Paróquias

Tabela 10 – Análise de ajuda entre paroquianos com porcentagem por grupos de paroquianos com e sem deficiência

Tabela 11 - Análise da qualidade da Catequese Inclusiva por categoria

Tabela 12 - Opinião sobre a existência de missas exclusivas

Tabela 13 - Análise da qualidade sobre o sentimento de exclusão nas paróquias

Tabela 14 - Opiniões sobre a inclusão nas Paróquias – Síntese das respostas abertas nos questionários

Tabela 15 – Proposta de aplicação das 15 dimensões de inclusão de Carter nas paróquias

INTRODUÇÃO

Segundo dados do World Report on Disability (2024), estima-se que 1,3 bilhão de pessoas sofrem de deficiência significativa. Isso representa 16% da população mundial. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 18 milhões de pessoas declaram ter algum tipo de deficiência. A inclusão social desta parcela da sociedade brasileira vem progressivamente se tornando uma realidade, embora ainda existam obstáculos que dificultam a plena participação de todos na vida comunitária.

Um dos aspectos relevantes da vida comunitária brasileira está ligada à religiosidade do seu povo. Historicamente, o Brasil foi formado por etnias europeias, africanas e das civilizações indígenas locais, e cada uma delas influencia mutuamente os costumes, as tradições e, em especial, a religião dos brasileiros.

Para ilustrar a importância da fé no Brasil, destaco a pesquisa da *Global Religion* (IPSOS, 2023), realizada em 26 países pela plataforma online *Global Advisor*. O levantamento mostrou que o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking de países onde mais se acredita em um ser superior; aproximadamente 89% da população afirma ter fé. Ou seja, nove em cada dez brasileiros acredita em Deus.

A segunda fonte é do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), que apresenta dados que demonstram que 86,8% dos brasileiros que têm uma religião são cristãos, sendo eles 73,8% católicos e 15,4% evangélicos.

O mesmo levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023) apresenta que cerca de 23,92% da população brasileira declara ter algum tipo de deficiência. Diante disto, é fundamental refletir sobre a inclusão religiosa no Brasil e, no caso desta pesquisa, o estudo da acessibilidade à plena vivência da sua fé das pessoas com deficiência nas paróquias.

Pensar na inclusão das pessoas com deficiência nas paróquias é muito mais que rampas e espaços reservados; é a criação de um ambiente onde todos podem viver plenamente

a participação. É importante salientar que a fé é um alicerce na luta diária contra as adversidades e um pilar para o fortalecimento emocional.

Destaco que os cristãos têm uma fé centrada na pessoa de Jesus Cristo, que é um caminho a ser vivido, como afirma o Evangelho de São João, capítulo 14, versículo 6: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida". E este caminho deve ser acessível a todos, sem exceções, por isto é essencial que as comunidades paroquiais adotem práticas que motivem a participação ativa das pessoas com deficiência.

Destaco a mensagem do Papa Francisco no Dia Internacional da Pessoa com Deficiência:

As pessoas com deficiência, tanto na sociedade como na Igreja, pedem para se tornar sujeitos ativos da pastoral, e não só destinatários. Muitas pessoas com deficiência sentem que vivem sem pertença nem participação. Ainda há tanto que as impede de se beneficiar da plena cidadania. O objetivo não é apenas cuidar delas, mas acompanhá-las e 'ungi-las' de dignidade para uma participação ativa na comunidade civil e eclesial. (Papa Francisco, 2020)

As barreiras nas paróquias não se devem apenas às dificuldades arquitetônicas, mas a maior parte das barreiras são invisíveis, entre elas as barreiras comunicacionais e atitudinais. No Art. 3º, inciso I da Lei Brasileira de Inclusão - Lei nº 13.146/2015 (Governo do Brasil, 2015), barreiras são definidas como

Qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros. (Lei Brasileira de Inclusão, 2015, Artigo 3º)

Esta lei estabelece direitos e garantias em diversas áreas, incluindo a acessibilidade e a inclusão na vida cultural, o que abrange também a manifestação da fé.

A verdade é que há um longo caminho a percorrer para garantir a inclusão plena da vida comunitária. Este estudo visa examinar as condições atitudinais que podem afetar a

acessibilidade nas paróquias, e, de forma crítica, pensar nas práticas que podem ser mais inclusivas.

Neste contexto, questiono: quais fatores, relacionados a atitudes e comportamentos, podem dificultar a participação plena de pessoas com deficiência nas paróquias brasileiras? Que ações poderiam favorecer a vivência inclusiva da fé? De que forma é possível construir um processo de inclusão abrangente, que contemple todas as pessoas?

O objetivo deste trabalho é investigar essas questões, analisando as barreiras que impedem a plena participação das pessoas com deficiência nas práticas religiosas e procurando soluções para a criação de ambientes mais inclusivos nas paróquias.

MOTIVAÇÃO PESSOAL

A presente pesquisa foi pensada a partir de uma análise da realidade vivida pelas pessoas com deficiência nas pequenas cidades do interior de Minas Gerais. Em visita à cidade de Curvelo, para estar com a família, fui às celebrações dominicais na Igreja de Santo Antônio e percebi que, apesar de ser a maior Paróquia da Arquidiocese de Diamantina e atender uma população de mais de 50 mil pessoas e que se preocupa com a acessibilidade, o número de fiéis com deficiência ainda era muito reduzido.

Verifiquei também que, apesar do desejo do clero local de motivar a inclusão, eles não têm ferramentas que os auxiliem na formação dos paroquianos para exercerem a verdadeira inclusão. As pessoas com deficiência que frequentam a missa ficavam dispersas e em lugares estratégicos no interior da igreja, longe dos bancos centrais e perto das portas. Verifiquei também que havia, no fundo da igreja, mães com crianças para não incomodarem as pessoas com o comportamento dos filhos, e somente assim conseguirem conciliar a relação dos filhos com os olhares da assembleia.

Assim nasceu a motivação deste estudo sobre a inclusão e acessibilidade na Igreja, que está diretamente relacionada à necessidade de compreender e superar as barreiras atitudinais que ainda limitam a plena integração das pessoas com deficiência na vida eclesial, pois a Igreja é, em sua essência, um espaço de acolhimento, fraternidade e igualdade. A verdadeira inclusão requer uma transformação interna e estrutural que envolva uma mudança de mentalidade tanto por parte dos líderes religiosos quanto dos fiéis.

O desafio é ultrapassar essa visão limitada e adotar uma abordagem que valorize a dignidade, pois a verdadeira inclusão exige que cada fiel, seja ele clero, líder ou membro, repense suas atitudes e crenças em relação à deficiência. É necessário desconstruir visões que segregam e marginalizam, e substituir esses estigmas por um olhar de acolhimento e igualdade.

PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO E PERTINÊNCIA DO ESTUDO

O problema central deste estudo está na análise das barreiras atitudinais que ainda impedem a plena inclusão na Igreja. Embora haja uma preocupação com a necessidade de acessibilidade física nas paróquias do Brasil, existe um desafio de inclusão nas barreiras invisíveis, barreiras que são difíceis de serem identificadas, por isso é fundamental investigar como elas se manifestam e quais práticas podem ser adotadas para motivar uma participação igualitária.

O estudo da inclusão dentro da Igreja é de grande pertinência, em especial quando se pensa que seu papel fundamental está diretamente ligado à formação moral, ética e espiritual da sociedade, e por isso tem uma grande responsabilidade na promoção de uma sociedade mais justa.

QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS

As questões centrais que guiarão este estudo e a análise crítica da inclusão e acessibilidade na Igreja são:

1. **Quais são as barreiras atitudinais que excluem a participação ativa das pessoas com deficiência na Igreja no Brasil?**

Esta questão busca identificar as atitudes e os comportamentos que contribuem para a exclusão das pessoas com deficiência nas comunidades eclesiais, compreendendo de que forma o comportamento dos fiéis, dos líderes religiosos, pastorais e membros do clero podem perpetuar estes estigmas, preconceitos ou a falta de sensibilização dentro da Igreja, que dificultam a plena integração desde a participação nos sacramentos até o envolvimento nas atividades pastorais e litúrgicas.

2. **Quais práticas podem ser adotadas pelas comunidades eclesiais para promover a inclusão e garantir que todos tenham acesso à vivência da fé?**

A questão tenta levantar caminhos e explorar práticas inclusivas que podem ser implantadas nas comunidades paroquiais, tanto a nível litúrgico quanto pastoral, para garantir que todos possam participar efetivamente da vida religiosa. Assim, identificar quais estratégias, adaptações ou modificações podem ser feitas nos espaços e nas práticas, desde a adaptação de rituais e cerimônias religiosas até a formação de lideranças e a catequese de cada fiel.

3. **Como estabelecer um caminho de inclusão efetiva para todos, sem exceções?**

Esta pergunta busca compreender como adotar um compromisso de inclusão que seja efetivo e permanente, não apenas uma ação pontual ou assistencialista, mas como um valor fundamental que permeia toda a vida comunitária e litúrgica da Igreja. Como criar uma cultura eclesial que, de forma orgânica, abrace a diversidade e assegure a plena participação de todos os fiéis, sem qualquer tipo de exclusão?

Com as questões acima queremos abordar de maneira crítica a vivência dos entrevistados e buscar compreender de que forma a Igreja pode superar as barreiras existentes. O objetivo final é elaborar um guião de boas práticas a serem adotadas pelo

clero, pelos fiéis, e principalmente pelos catequistas na formação dos novos fiéis, para que a Igreja seja casa para todos, onde o homem seja reconhecido como um reflexo da criação divina e todos sejam chamados a participar, com dignidade, do corpo e da missão eclesial.

ESTRUTURA DO TRABALHO

A presente dissertação encontra-se organizada em capítulos sequenciais, concebidos de forma a garantir a coerência entre a fundamentação teórica, a metodologia de investigação, a análise empírica e as considerações finais.

O capítulo introdutório procede à contextualização da problemática em análise, explicitando a relevância social, eclesial e científica do tema. Nele são definidos o problema de investigação, a sua pertinência no quadro das ciências sociais e da inclusão, bem como a questão de investigação e os objetivos gerais e específicos que orientaram o estudo.

O **Capítulo I – Enquadramento Teórico** apresenta a base conceptual do trabalho. Inicia-se com a análise histórica da relação entre o catolicismo e a deficiência, prosseguindo com a reflexão acerca da espiritualidade e da deficiência enquanto dimensões da saúde integral. Segue-se a exploração do conceito de atitudes sociais, destacando o seu impacto na inclusão ou exclusão de pessoas com deficiência, e conclui-se com a sistematização dos contributos dos estudos de Erik Carter (2012–2024), que oferecem perspectivas empíricas e referenciais conceptuais relevantes para a análise da inclusão em comunidades de fé.

O **Capítulo II – Metodologia** descreve e justifica a abordagem adotada. São caracterizados o tipo de estudo, os participantes e os critérios de seleção, bem como os instrumentos de recolha de dados utilizados. Apresentam-se igualmente os procedimentos de análise quantitativa e qualitativa e explicitam-se as medidas de natureza ética implementadas, em conformidade com os princípios de rigor científico e de respeito pela dignidade e diversidade dos participantes.

O **Capítulo III – Apresentação e Discussão dos Resultados** organiza a análise dos dados obtidos, articulando-os com o quadro teórico previamente estabelecido. São apresentados o perfil da amostra, os níveis de participação paroquial e as barreiras à inclusão identificadas, com destaque para as barreiras atitudinais. A discussão dos resultados evidencia padrões de convergência e divergência entre os grupos inquiridos, permitindo uma leitura crítica do fenómeno em estudo.

O Capítulo IV - Conclusões sintetiza os principais resultados da investigação, respondendo à questão formulada e avaliando o grau de concretização dos objetivos definidos. Sublinha-se a centralidade das atitudes na promoção de comunidades inclusivas e identificam-se as áreas prioritárias de intervenção, designadamente a formação do clero e dos agentes pastorais e a sensibilização das comunidades paroquiais. Apresenta-se ainda como contributo prático a proposta de elaboração de um guia de boas práticas destinado a fomentar estratégias de inclusão sustentada.

A dissertação se encerra com a apresentação das Referências bibliográficas, que suportam teoricamente a investigação, e dos Anexos, que integram os instrumentos de recolha de dados e outros elementos complementares relevantes.

1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA RELAÇÃO CATOLICISMO E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

O ponto de partida para este estudo está nos relatos do Novo Testamento da Bíblia, onde os evangelistas registam a vida e a trajetória de Jesus Cristo. Nestes registos pode-se identificar diversos milagres de Jesus, dos quais contamos 21 relacionados à cura de pessoas com deficiências físicas ou sensoriais.

Para compreender essa realidade, é necessário situar o contexto histórico em que Jesus viveu. Ele nasceu na Palestina, sob domínio do Império Romano, em um período de grande resistência por parte do povo judeu. Essa sociedade era marcada por uma divisão de fé e uma dicotomia cultural, o que influenciava a maneira como as pessoas com deficiência eram tratadas.

Os romanos, por exemplo, praticavam uma seleção das crianças de forma cruel, como atesta o filósofo Lucius Annaeus Sêneca (4 a.C.):

Nós matamos os cães danados, os touros ferozes e indomáveis, degolamos as ovelhas doentes com medo de que infectem o rebanho, asfixiamos os recém-nascidos mal constituídos, mesmo as crianças, se forem débeis ou anormais; nós as afogamos: não se trata de ódio, mas da razão que nos convida a separar das partes sãs aquelas que podem corrompê-las (Sobre a Ira, I, XV, in MEC/SEESP, 1997, p. 14)

No entanto, a visão do povo judeu sobre a deficiência era relacionada ao pecado. No judaísmo antigo, a deficiência era vista como uma punição divina para os pecadores, fazendo com que essas pessoas fossem colocadas à margem da sociedade e abandonadas pelas suas famílias.

O comportamento de Jesus de acolher o excluído desafiou as normas sociais de sua época ao curar pessoas com deficiências. Ele quebrou as barreiras físicas e sociais ao

curar os excluídos e mostrava a importância da inclusão, visto que aquela era a única forma, na época, de trazer uma pessoa de volta ao seio da sociedade.

Stadelmann (2006) menciona que Jesus ocupou grande parte do seu tempo em cuidar e curar pessoas que viviam um sofrimento físico, sem se importar com o julgamento, tanto da população em geral quanto dos líderes judaicos, para os quais a pessoa com deficiência física era uma pecadora, tirando sua dignidade e excluindo-a da sociedade. Para fortalecer esta ideia, cito (DARKE, 2015), que apresenta um Jesus que anunciava um Reino onde todos são bem-vindos, e por isto acolhia a todas as pessoas com necessidade, fosse ela física, emocional e espiritual.

O cristianismo, a partir dos ensinamentos de Jesus, passou a enxergar os deficientes não como "impuros" ou "malditos", mas como indivíduos com alma, filhos de Deus, a serem cuidados, mas esta visão ainda não significava uma plena inclusão social ou civil, e sim uma ação de caridade voltada para o cuidado dos mais vulneráveis.

Na Idade Média, a Igreja Católica assumiu a responsabilidade de cuidar das pessoas com deficiência. Para isto, criou conventos, asilos e hospitais. Mas, ao mesmo tempo, durante a Inquisição, as pessoas com deficiências físicas graves eram muitas vezes consideradas resultantes de possessão demoníaca, denunciadas como bruxas e condenadas à morte.

No Renascimento, com o surgimento das ciências médicas, as pessoas com deficiência passaram a ser vistas como objeto de estudo por médicos e cientistas. Mas o cuidado destas pessoas continuava a ser feito pela Igreja Católica, que oferecia assistência, contudo, de forma marginalizada.

Segundo (Pessotti, 1984, p. 4), "O cristianismo modificou o status do deficiente que passa de coisa a pessoa, mas a igualdade de status moral ou teológico não corresponderá, até a época do iluminismo, a uma igualdade civil, de direitos".

Somente no século XX, com o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica passa a ter um olhar mais inclusivo, onde reconhece que as pessoas com deficiência não são objetos de caridade, mas pessoas com direitos de vivência da fé.

Uma ação que mudou o foco da assistência para a evangelização e defesa dos direitos das pessoas com deficiência foi o surgimento do Movimento de Evangelização e Promoção Humana, fundado por Monsenhor Henri François, conhecido como a *Fraternidade Cristã de Doentes e Deficientes (FCD)*. Esta fraternidade, reconhecida pelo Vaticano, é coordenada por pessoas com deficiência e está presente em 45 países.

No Brasil, a Igreja Católica, representada pelos jesuítas, iniciou o processo de catequese logo após o descobrimento das terras brasileiras em 1500. Entre as ações sociais realizadas estava a construção de sanatórios, asilos e hospitais para o cuidado dos doentes e das pessoas com deficiência. No entanto, somente no meio do século XX é que a Igreja começou a se preocupar com a inclusão social das pessoas com deficiência no país. A Pastoral dos Surdos, iniciada com a ordenação do primeiro padre surdo, Monsenhor Vicente Penido Burnier, abriu o caminho para a inclusão de outras pessoas com deficiência nas atividades eclesiais.

Em 1995, a Igreja Católica lançou, no Brasil, a *Campanha da Fraternidade dos Excluídos*, uma campanha nacional realizada durante os 40 dias da Quaresma, que convocava os católicos a pensar sobre a inclusão social das pessoas com deficiência. A campanha tinha como objetivo superar a visão assistencialista, reconhecendo as pessoas com deficiência como interlocutores e protagonistas do processo de catequese, e não apenas como destinatários de ações de caridade. A proposta era gerar a participação ativa das pessoas com deficiência nos sacramentos e na vida litúrgica da Igreja. No entanto, ainda hoje, as barreiras físicas, atitudinais e comportamentais e o desconhecimento do clero sobre o tema representam grandes desafios para a inclusão efetiva.

A Igreja, ao longo dos últimos 20 anos, tem se empenhado em gerar uma consciência mais clara e ativa sobre a inclusão das pessoas com deficiência. Contudo, ainda é necessário investir na capacitação dos seminaristas e na formação contínua do clero, uma vez que, como apresenta Costa (Renders, 2009), a teologia tem um papel importante na estruturação de uma sociedade inclusiva. Ela deve levar as pessoas a uma reflexão sobre a condição humana e a dignidade de todos. A teologia cristã precisa ser formativa e educativa para a inclusão.

Assim sendo, a Catequese precisa despertar em cada crente a sensibilidade para a comunhão com o próximo e para o fato de que incluir não é um ato de caridade, mas uma verdadeira vivência cristã.

1.2. DEFICIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE COMO DIMENSÕES DA SAÚDE

Nas últimas décadas, o conceito de deficiência tem mudado. Anteriormente, o foco estava apenas em uma visão médica, centrada nas limitações funcionais do indivíduo. No entanto, esta visão evoluiu e se tornou mais ampla, somando a ela aspectos biopsicossocial. Agora a deficiência é vista não só como resultado de uma condição de saúde, mas também das barreiras físicas, sociais e atitudinais que o meio onde a pessoa vive impõe.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define deficiência como uma limitação física, mental, intelectual ou sensorial de longo prazo. No ano de 2001, a organização publicou uma Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), onde apresentou três dimensões fundamentais: as funções e estruturas do corpo, a atividade e participação, e os fatores ambientais. Desta forma, a deficiência não é apenas uma característica pessoal, mas também analisada na sua interação com o meio social.

A UPIAS, Union of the Physically Impaired Against Segregation, apresenta que:

“A deficiência é a desvantagem ou restrição de atividade causada por uma organização social contemporânea que pouco ou nada considera as pessoas com deficiências físicas e, assim, as exclui da participação nas atividades sociais dominantes.” (UPIAS, 1976, p. 14).

Um olhar semelhante tem Sasaki (1997), que destaca que “a deficiência não é um traço pessoal, mas uma construção social que depende das condições de acessibilidade e das atitudes sociais” (p. 47). Essas duas visões mostram a necessidade de se mudar o ambiente e as práticas sociais para garantir a inclusão total das pessoas com deficiência.

Analisando a visão social da deficiência, acrescento outra definição da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 1983, onde a saúde está descrita como “um estado

dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”. Aqui, a espiritualidade é vista como parte da saúde humana, sendo importante para o equilíbrio biopsicossocial do indivíduo. A espiritualidade, neste contexto, se refere à dimensão da existência humana, ligada à busca de sentido, de significado, de conexão com algo maior, sendo uma experiência pessoal que pode ou não estar ligada à prática religiosa.

A busca de sentido para a vida foi estudada por Viktor Frankl, um psiquiatra austríaco e sobrevivente do Holocausto. Frankl (2019) enfatiza a importância da espiritualidade para a saúde mental, e argumenta que a busca de um significado mais profundo permite ao ser humano enfrentar e superar o sofrimento. Para ele, a capacidade de encontrar sentido na dor e na adversidade é o que possibilita a resiliência e a superação.

Mas é necessário entender e diferenciar a espiritualidade da religiosidade, e Koenig (2012) esclarece que a espiritualidade é uma busca interna por propósito e significado, enquanto a religiosidade se refere à adesão a uma tradição religiosa com doutrinas, práticas e estruturas organizadas. Assim, a religiosidade pode ser vista como uma expressão formal da espiritualidade, mas a espiritualidade em si não se limita a aspectos religiosos.

Para as pessoas com deficiência, tanto a espiritualidade como a religiosidade podem ser cruciais para a saúde e o bem-estar. A espiritualidade pode funcionar como um recurso interno, oferecendo conforto emocional, esperança e força interior diante das limitações. Por outro lado, participar de comunidades religiosas pode fortalecer o sentimento de pertencimento e facilitar o apoio social, agindo como um fator importante de proteção psicológica e social.

Para melhor entender, vejamos estas duas premissas: a primeira considera a deficiência numa perspectiva social, e a segunda reconhece a espiritualidade como um aspecto de saúde. Esta combinação pode levar a uma abordagem mais integrada, humanizada e inclusiva. Esta visão holística ajuda na formulação de práticas e estratégias que respeitem a complexidade da experiência humana, promovendo o bem-estar integral das pessoas com deficiência.

Refletir sobre a deficiência e a espiritualidade como partes integradas da saúde convida a valorizar espaços que favoreçam simultaneamente o acolhimento, a pertença comunitária e a vivência de um sentido mais profundo da vida. Neste sentido, as paróquias podem ser um ambiente propício para promover a inclusão social das pessoas com deficiência.

A vida comunitária nas paróquias deve criar laços entre os seus membros, ajudando a reduzir o isolamento social enfrentado por muitas pessoas com deficiência. O Papa Francisco tem enfatizado a importância de uma Igreja inclusiva. No documento *Fratelli Tutti* (2020), destaca que “uma sociedade é nobre e respeitável também pela forma como integra os seus membros mais frágeis e vulneráveis”. Ele ainda acrescenta que “a verdadeira inclusão não é simples integração, mas participação plena”.

Desse modo, a Igreja é chamada a ser mais do que um espaço de acolhimento; ela deve ser um verdadeiro motor de transformação social. O Papa Bento XVI, na encíclica *Deus Caritas Est* (2005), ressaltou que o amor cristão exige o cuidado e implica em um cuidado real com os mais frágeis, afirmando que “o amor ao próximo é, para o crente, uma consequência do seu amor a Deus”.

Esse princípio é a força motivadora por trás de algumas iniciativas pastorais voltadas para pessoas com deficiência, que encontram na comunidade paroquial um espaço para serem ouvidas, compartilharem e valorizarem a sua experiência espiritual. Assim, a presença ativa das pessoas com deficiência nas paróquias não só promove o seu próprio bem-estar espiritual, mas também enriquece a comunidade como um todo, tornando-a mais humana, empática e fiel ao Evangelho.

A espiritualidade cristã, que tem sua base na experiência do amor de Deus e na fraternidade universal, pode assim ajudar a construção de uma cultura verdadeiramente inclusiva. Portanto, pode-se afirmar que, para as pessoas que escolhem viver uma religiosidade na Igreja Católica, a prática da espiritualidade nas comunidades paroquiais não apenas representa uma parte importante da saúde integral das pessoas, mas também um caminho fecundo de inclusão, transformação social e realização pessoal.

1.3 ATITUDES

O estudo das atitudes na Psicologia começou a ganhar destaque durante o século XX, especialmente com a Psicologia Social, mas a atitude tem sido interpretada de diversas maneiras. Para o psicólogo Gordon Allport (1935, p. 798), a atitude é um dos conceitos mais cruciais nesse campo de pensamento.

A maior parte dos psicólogos concorda que as atitudes têm raízes culturais onde vemos que cada indivíduo tende a adotar as atitudes que são comuns na cultura em que nasceu e cresceu. As atitudes são pessoais, mas são resultado das nossas próprias experiências ao longo da vida. Porém, os psicanalistas acreditam que a origem das atitudes em cada um está ligada especialmente às relações familiares e por elas somos influenciados, já que cada um é educado dentro do ambiente familiar que tem tradições transmitidas de geração em geração. Do ponto de vista da Psicologia Social, outros aspectos podem ser influenciadores da formação das atitudes humanas, entre eles: as escolas; as organizações educacionais; a influência da autoridade; a publicidade; e todos os fatores que podem alterar nosso comportamento.

Para entender as atitudes, é fundamental compreender que elas são uma construção complexa e que envolvem três componentes. Para isto é necessário entender o Modelo Multicomponente ou Tripartite (conferir, por exemplo, Rosenberg & Hovland, 1960; Eagly & Chaiken, 1998), pois é uma ferramenta valiosa para captar a complexidade das atitudes e compreender como elas podem ser moldadas por diferentes experiências e contextos. Nessa divisão tripartite temos três componentes, a saber:

- Componente cognitivo – Diz respeito às crenças e aos pensamentos que uma pessoa tem sobre um objeto ou situação;
- Componente afetivo – Abrange os sentimentos ou emoções que alguém sente em relação a esse objeto ou situação; Componente comportamental – Refere-se à tendência de agir de determinada maneira diante do objeto ou da situação.

Esses três componentes interagem entre si e podem influenciar como as pessoas percebem e reagem ao mundo ao seu redor.

Para aprofundarmos o estudo sobre as atitudes, sempre teremos de perguntar quais funções elas realmente desempenham. Katz (1960) identificou quatro funções principais que as atitudes têm para a motivação do indivíduo.

A primeira é a função utilitária, que tem base na ideia de que as pessoas buscam recompensas e tentam evitar punições, o que, de certa forma ajuda na sobrevivência dentro da sociedade.

A segunda é a função de defesa do ego, onde o uso das atitudes é um mecanismo de proteção para o autoconhecimento.

A terceira função é a de expressão de valores, que permite aos indivíduos afirmarem sua identidade e seus valores; nesta função, o indivíduo tem a oportunidade de se mostrar, tanto social quanto pessoalmente.

- A quarta função é a da avaliação de objetos, que pode ser vista como uma combinação das funções utilitária e de conhecimento.

Essa avaliação é importante porque facilita a tomada de decisões e diminui o esforço cognitivo.

Outra questão que sempre é levantada é como as atitudes influenciam os comportamentos. Qual a relação existente entre eles? Muitos pesquisadores dizem que é fundamental levar em conta outros fatores, como as características pessoais, o contexto vivido e a própria atitude. As Teorias da Ação Racional (TAR) e do Comportamento Planejado (TCP) de Fishbein & Ajzen (1975) apresentam a ideia de que as pessoas agem de forma racional, considerando as informações que recebem e as consequências de suas ações. Neste modelo, a intenção de praticar ou não um comportamento é o fator que determina a ação, e essa intenção é influenciada por aspectos motivacionais e pela disposição de se dedicar à tarefa (Ajzen, 1991, p. 287). Dois elementos são cruciais para a construção dessa intenção: a atitude em relação ao comportamento e a norma subjetiva. Deste modo, cada pessoa busca ter uma resposta positiva quando acredita que um comportamento é favorável; caso contrário, sua atitude será negativa. Precisamos considerar que a norma subjetiva reflete a forma

como a pessoa percebe a pressão social que a influencia a realizar ou evitar um comportamento, tendo como base a aprovação ou desaprovação de pessoas importantes, como familiares, amigos ou colegas (Ajzen, 1991).

Enfim, quando um indivíduo percebe que existe aprovação social em relação à sua ação, ele se sentirá mais inclinado a realizá-la. A Teoria do Comportamento Planeado (TCP), que é uma extensão da Teoria da Ação Racional (TAR), inclui um terceiro fator determinante das intenções: o controle comportamental. Este aspecto diz respeito ao entendimento de que o comportamento está sob o próprio controle do indivíduo, isto é, à crença de que dispõe dos recursos e das oportunidades necessárias para agir (Ajzen, 2005). De acordo com este modelo, quanto maior for a percepção de controle, maior será a probabilidade de o indivíduo desenvolver uma intenção forte de concretizar o comportamento.

1.4 INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM COMUNIDADES DE FÉ: CONTRIBUTOS DOS ESTUDOS DE ERIK W. CARTER (2012–2024)

O estudo da inclusão das pessoas com deficiência já é amplamente explorado em contextos educativos, laborais e residenciais, no entanto, o estudo no âmbito da participação em contextos religiosos é pouco estudada. Para muitas famílias, a prática da fé tem sua importância na vida comunitária, desempenhando um papel importante como redes de suporte, tanto espiritual, quanto emocional e social. Nota-se que a ausência de práticas inclusivas nas Igrejas não apenas limita o acesso à espiritualidade, como também priva as famílias e os indivíduos das experiências de se sentirem pertencentes.

Nos últimos anos, Erik W. Carter, acadêmico norte-americano de referência na área da educação especial e inclusão comunitária, tem dedicado parte substancial da sua investigação ao estudo da acessibilidade e da pertença de pessoas com deficiência em ambientes religiosos. O seu estudo vem se destacando no campo da intersecção entre deficiência, espiritualidade e participação comunitária, desenvolvendo pesquisas que oferecem contributos significativos para a compreensão e promoção da inclusão de pessoas com deficiência nas comunidades de fé. Este capítulo organiza, de forma sistemática, quatro publicações escolhidas entre várias por ele publicadas, detalhando dados empíricos, resultados, propostas metodológicas e modelos conceptuais.

2. Diálogos Comunitários e Construção Participativa (2012–2017)

Em 2012, Carter e sua equipa desenvolveram uma investigação inovadora denominada *community conversations*, que envolvia encontros planejados com múltiplos representantes sociais e religiosos, em torno da reflexão e da construção de soluções coletivas para a inclusão das pessoas com deficiência nas igrejas.

Os encontros tiveram lugar em dois condados do Tennessee (um urbano e um suburbano), reunindo 175 participantes, incluindo familiares de pessoas com deficiência, líderes religiosos, educadores, voluntários, prestadores de serviços e as próprias pessoas com deficiência. Através desta abordagem participativa, foram geradas 984 propostas de ação, posteriormente categorizadas em 23 áreas. As propostas mais

frequentes relacionaram-se com iniciativas de apoio direto às famílias (como acompanhamento individualizado, sensibilização da comunidade e formação de voluntários), mas também com a necessidade de desenvolver parcerias entre congregações e organizações da sociedade civil. Os participantes reconheceram avanços, mas também destacaram a persistência de barreiras atitudinais, arquitetônicas e organizacionais que limitam a plena participação.

A avaliação final dos encontros foi largamente positiva: a maioria considerou que os diálogos constituíram um investimento proveitoso, permitindo identificar passos concretos que cada congregação poderia implementar para se tornar mais inclusiva (Carter *et al.*, 2017). Este método reforça a ideia de que a inclusão é um processo coconstruído, exigindo escuta mútua e corresponsabilidade.

No ano de 2013, Ault, Collins e Carter publicaram *Participação congregacional e apoios a crianças e adultos com deficiência: percepções parentais*. O estudo explora a participação de crianças e adultos com deficiência em comunidades de fé e foi realizado com a participação de pais e cuidadores. A base da investigação são a espiritualidade e a religião fortemente associadas à melhoria da qualidade de vida.

O estudo teve como propósito compreender: de que forma as famílias com filhos com deficiência participam nas comunidades de fé; de que forma os próprios filhos participam; quais os fatores identificados pelos pais afetam essa participação.

Participaram desse estudo 416 pais e cuidadores de pessoas com deficiência (maioritariamente mães, a saber, 88,1%). As crianças e jovens apresentavam sobretudo perturbações do espectro do autismo (29,3%), deficiência intelectual moderada a severa (22,5%) e deficiência intelectual ligeira (19,6%). A maioria era menor de 18 anos.

Foi aplicado um inquérito online e em papel, composto por 29 questões, que recolheu dados demográficos, frequência de participação, tipo de atividades religiosas frequentadas, acessibilidade, percepções sobre apoio congregacional e sugestões abertas.

O resultado dos inquéritos apontou que 97,6% dos pais afirmaram que a fé era importante. A maioria dos pais (88,1%) e dos filhos (79,7%) participava em serviços

religiosos pelo menos uma ou duas vezes por mês, embora os filhos participassem com menor frequência.

Quanto às atividades, os pais participaram, em média, em 4,2 atividades diferentes (serviços religiosos, educação religiosa, grupos pequenos, voluntariado e recreação). Os filhos participaram, em média, em 2,5 atividades, sobretudo em serviços religiosos (85,3%) e educação religiosa (60,8%).

Quanto à inclusão, 60,7% dos filhos participaram em atividades com pares da mesma idade (com ou sem apoio), 12,1% com pares mais novos, 6,2% em atividades segregadas e 21% não participaram em nenhuma atividade.

Quanto às igrejas, 89,3% ofereciam instalações acessíveis; 81,8% têm atitudes acolhedoras, mas apenas 40,2% providenciavam apoios adicionais para inclusão. 91,5% dos pais atribuíram grande importância a uma atitude acolhedora, seguida de apoio adicional.

Quanto às percepções parentais: apenas 42,5% estão satisfeitos com a inclusão na Igreja; 32,3% já mudaram de comunidade religiosa devido à falta de inclusão; 55,8% já evitaram levar os filhos nas igrejas por ausência de apoios; e, destes, mais da metade nunca foi consultada sobre a melhor forma de incluir os filhos.

Os resultados revelam que, embora exista alguma inclusão em atividades religiosas, a participação das crianças e dos jovens com deficiência é mais restrita e frequentemente limitada aos serviços e à educação religiosa. Muitos não têm oportunidade de envolver-se em atividades de voluntariado, missão ou grupos de oração, que poderiam contribuir para o desenvolvimento espiritual e social.

A inclusão tende a ser mais frequente em comunidades menores, enquanto comunidades maiores, por terem mais recursos, podem promover atividades segregadas. A percepção de apoio está fortemente associada à frequência de participação: famílias que sentem apoio tendem a participar mais. Contudo, pais de crianças com autismo reportam menor sensação de apoio, possivelmente devido a comportamentos que desafiam a aceitação das congregações.

A atitude de acolhimento surge como fator-chave para promover a participação e inclusão. Contudo, há falta de clareza sobre o que constitui concretamente uma "atitude acolhedora", o que indica necessidade de investigação futura.

Na publicação *Supporting Congregational Inclusion for Children and Youth With Disabilities and Their Families*, de 2016, Carter apresentou um estudo cujo objetivo central é compreender o ponto de vista dos pais acerca da disponibilidade e utilidade de diferentes apoios congregacionais e avaliar o grau de inclusão experienciado pelas famílias. Carter analisou a percepção de 433 pais de jovens com deficiência intelectual ou perturbações do espectro do autismo (Carter *et al.*, 2016). Este trabalho revelou um quadro marcado por contrastes: por um lado, os pais reconheceram a importância das congregações no apoio às suas famílias; por outro, destacaram a escassez de apoios efetivos, como programas de descanso, acompanhamento durante os serviços ou grupos de apoio parental.

A análise mostra que as barreiras não são apenas físicas: muitas famílias sentiram-se excluídas pela ausência de práticas inclusivas, chegando algumas a mudar de congregação. Esta constatação levanta questões críticas: até que ponto as comunidades de fé reconhecem a deficiência como dimensão integrante da sua missão pastoral?

Os resultados revelaram que 56% dos pais reportaram já ter impedido a participação dos filhos em atividades religiosas devido à ausência de apoios adequados, e 32% mudaram de comunidade religiosa por falta de acolhimento e inclusão. Ainda assim, emergiu também a percepção de que, quando presentes, tais apoios favoreciam o bem-estar familiar e fortaleciam os laços comunitários. O estudo concluiu que as congregações podem desempenhar um papel vital no acolhimento e na inclusão, mas necessitam de orientações práticas e de maior intencionalidade para concretizar este compromisso.

Na publicação de 2022, intitulada *A Place of Belonging*, Carter apresenta um modelo prático que define dez dimensões da pertença. Lá ele identifica tendências claras: a participação em cultos é a forma mais frequente de inclusão, mas raramente implica envolvimento ativo. No ano de 2023, Carter publica uma revisão sistemática intitulada *Research on Disability and Congregational Inclusion* no *Journal of Disability & Religion*.

As duas publicações, de 2022 e 2023, destacam não apenas a presença desses indivíduos nos espaços religiosos, mas, sobretudo, a experiência de pertencimento que pode ou não ser cultivada nas congregações.

As dez dimensões interdependentes propostas por Carter estruturam esse pertencimento: estar presente, ser convidado, ser bem-vindo, ser conhecido, ser aceito, ser apoiado, ser cuidado, ter amigos, ser necessário e ser amado. Essas dimensões oferecem uma lente para avaliar práticas comunitárias e orientar transformações inclusivas.

Estar presente – A presença física nas atividades religiosas é a base do pertencimento. Carter mostra que, embora muitos indivíduos com deficiência frequentem cultos regularmente, em alguns estudos, mais de 60% semanalmente, sua participação em outras áreas da vida comunitária como educação religiosa, grupos de jovens e atividades sociais é muito menor. A ausência indica barreiras arquitetônicas, comunicacionais ou culturais.

Ser convidado – A inclusão não deve ser apenas passiva, mas ativa. Poucas congregações tomam a iniciativa de convidar pessoas com deficiência e suas famílias, o que gera a sensação de que sua presença não é desejada. A literatura revisada por Carter mostra que convites pessoais e explícitos são mais eficazes que anúncios genéricos.

Ser bem-vindo – O acolhimento caloroso, com gestos simples de hospitalidade, é decisivo para o sentimento de pertença. No entanto, famílias relatam experiências de frieza ou até de rejeição velada, o que leva ao afastamento. Estudos de 2023 mostram que apenas 16% das famílias identificaram suporte real durante os cultos, um dado que revela que a hospitalidade ainda é limitada a gestos superficiais.

Ser conhecido – Pertencer implica ser reconhecido como indivíduo único, não reduzido a rótulos diagnósticos. Carter aponta que muitas vezes a identidade das pessoas é definida pela deficiência, e não por seus dons, interesses e histórias. Congregações inclusivas são aquelas que investem em conhecer profundamente cada pessoa.

Ser aceito – A aceitação incondicional é fundamental. Algumas teologias, contudo, interpretam a deficiência como resultado de pecado ou falha de fé, o que marginaliza a

pessoa com deficiência. Congregações que promovem serviços de conscientização e educação comunitária têm melhores índices de aceitação.

Ser apoiado – Pessoas com deficiência necessitam de apoios concretos para participar plenamente, como adaptações curriculares, apoio de colegas ou transporte. Carter (2023) mostra que apenas 18% das famílias relataram disponibilidade de suporte em programas de educação religiosa. Essa lacuna revela que o pertencimento exige investimento em estrutura e voluntariado preparado.

Ser cuidado – O cuidado vai além dos encontros litúrgicos, incluindo apoio emocional, espiritual e prático (como transporte, auxílio financeiro ou acompanhamento médico). Pesquisas relatam que muitas famílias encontram em suas congregações redes de apoio essenciais para sua qualidade de vida.

Ter amigos – Relações de amizade são centrais para o bem-estar. No entanto, estudos apontam que pessoas com deficiência frequentemente têm redes sociais restritas, compostas apenas por familiares ou cuidadores. Congregações podem ser espaços privilegiados para promover amizades, mas isso depende de práticas intencionais de integração.

Ser necessário – Pertencer implica ser visto como indispensável à comunidade. Carter ilustra casos em que pessoas com deficiência encontraram funções ativas, como cantar no coral ou servir como recepcionistas. Contudo, os dados mostram que apenas uma minoria participa ativamente de papéis de liderança ou serviço (11% em leituras bíblicas, 13% em orações), reforçando a necessidade de ampliar oportunidades.

Ser amado – O amor, expresso em gestos de cuidado e valorização, é o ápice do pertencimento. Para Carter, o amor demonstrado nas relações interpessoais e na vida comunitária é o que sustenta a fé e promove o florescimento espiritual de pessoas com deficiência.

Em síntese, as referidas pesquisas de Carter, datadas de 2022 e 2023, mostram que, embora haja avanços e experiências positivas, o pertencimento pleno ainda é raro e desigualmente distribuído. As comunidades de fé têm potencial para serem espaços privilegiados de inclusão e convivência, mas isso exige superar barreiras práticas e

teológicas, investir em apoios individualizados e cultivar uma cultura de amor e reconhecimento mútuo.

Já em 2024 Carter publicou o estudo *Toward Accessible Worship*, onde entrevistou 37 cristãos com deficiência, e como resultado desta investigação elaborou 15 dimensões fundamentais para a existência de acessibilidade nas celebrações, que abrangem desde fatores sensoriais até aspectos teológicos.

As quinze dimensões da adoração acessível

Carter *et al.* (2024) propõem que a experiência inclusiva nas comunidades de fé não pode se restringir ao convite ou à presença física. É preciso garantir acessibilidade integral aos cultos, contemplando diferentes dimensões práticas. A Tabela Nº1 – Dimensões da adoração acessível segundo Erik Carter – apresenta as 15 dimensões que estruturam uma adoração acessível.

Tabela 1

Dimensões que influenciam a participação nos serviços de culto, segundo Erik Carter (2024)

Dimensão	Descrição
Postura	A postura geral relativamente à flexibilidade e adaptabilidade nos serviços de culto. Formas físicas de participar no culto (ficar em pé, ajoelhar-se, sentar-se).
Comunicação	As formas como a informação é transmitida ou partilhada ao longo dos serviços de culto (leitura, homilia, cânticos).
Sentido de comunidade	Ter uma ligação profunda, amizade e/ou sentimento de pertença dentro da comunidade de fé.
Arquitetura	As características físicas e a disposição da igreja, bem como a facilidade de circulação no espaço do templo.
Contributos	Oportunidades para partilhar dons ou servir os outros no contexto dos serviços de culto.
Atitudes	Perspetivas sobre a deficiência expressas em palavras ou ações.
Expectativas	Suposições ou regras implícitas sobre quais comportamentos são esperados, encorajados ou permitidos.
Tecnologia	Conjunto de ferramentas, dispositivos e aplicações que podem permitir ou melhorar a participação.
Apoios	Assistência individualizada que possibilita uma participação plena e significativa nos serviços de culto.

Interações	Trocas sociais e conversas que ocorrem antes, durante e após os serviços de culto.
Fatores sensoriais	Volume, iluminação, estímulos táteis ou texturais, temperatura e outros elementos sensoriais que impactam a participação.
Liturgia	Estrutura, sequência, atividades e previsibilidade dos serviços de culto.
Compreensão	Grau em que a pregação, leituras e outras informações são partilhadas de forma clara e compreensível.
Teologia	Crenças religiosas relacionadas com a deficiência ou afirmações sobre como Deus vê a deficiência e as pessoas com deficiência.
Transporte	Grau em que as pessoas têm um meio fiável para se deslocarem de e para os serviços de culto.

O estudo de Carter (2024) observa de forma sistemática quais são as práticas congregacionais que realmente favorecem o pertencimento e a participação ativa das pessoas com deficiência. O objetivo da pesquisa foi identificar fatores que promovem ou dificultam a plena inclusão, ampliando os achados anteriores publicados em 2022 e 2023.

O estudo reuniu dados quantitativos e qualitativos de igrejas de diferentes tradições religiosas, líderes comunitários, famílias e pessoas com deficiência. Foram mapeadas práticas inclusivas, barreiras estruturais e atitudinais, bem como percepções sobre o impacto da fé na vida desses indivíduos. Entre os dados levantados, observa-se que a frequência nos cultos ainda é a mais comum forma de participação para pessoas com deficiência, mas a inserção em papéis de liderança, em grupos de jovens ou em atividades de serviço comunitário permanece muito limitada. Além disso, menos de 20% das famílias relataram que suas igrejas oferecem suportes consistentes para participação plena em programas de educação religiosa e outras atividades.

Os resultados evidenciam um conflito entre discurso e prática: embora a maioria das congregações afirme valorizar a inclusão, muitas ainda não implementam estratégias eficazes de apoio. O estudo mostra que a ausência de convites pessoais, a falta de acessibilidade arquitetônica, as teologias excludentes e a carência de formação de líderes religiosos figuram entre os principais obstáculos.

Em compensação, o levantamento também revelou experiências positivas de pertencimento, organizadas a partir das dez dimensões propostas por Carter em 2022. As igrejas que promovem relações de amizade, valorizam dons individuais e oferecem suportes personalizados se mostraram mais eficazes na construção de comunidades de fé verdadeiramente inclusivas.

Assim, o estudo de 2024 reforça que a inclusão de pessoas com deficiência em contextos religiosos não pode se limitar ao acesso físico ou à participação esporádica em cultos. É preciso avançar em direção ao pertencimento, no qual cada indivíduo é reconhecido como indispensável à comunidade. Para isso, Carter defende uma mudança cultural nas congregações, com investimento em formação, acessibilidade, práticas de hospitalidade e reconhecimento das contribuições singulares das pessoas com deficiência.

Os estudos de Carter (2022, 2023, 2024) mostram que a inclusão plena em comunidades de fé não depende apenas de recursos materiais, mas, sobretudo, de atitudes. Embora a presença em cultos seja significativa, os índices de participação em papéis ativos e em programas de educação religiosa permanecem baixos, reflexo de barreiras atitudinais como indiferença, preconceito ou baixa expectativa.

A partir das dez dimensões do pertencimento e das quinze dimensões da adoração acessível, fica evidente que a transformação necessária é cultural: uma mudança de mentalidade que reconheça as pessoas com deficiência não como “convidados ocasionais”, mas como membros indispensáveis, com dons a oferecer e direito de florescer espiritualmente.

A inclusão atitudinal é, portanto, a chave que sustenta todas as outras formas de acessibilidade. Sem ela, adaptações físicas e tecnológicas serão superficiais; com ela, comunidades de fé podem se tornar verdadeiros espaços de hospitalidade, amizade e amor, nos quais cada pessoa é reconhecida como necessária e amada.

No contexto da Igreja Católica, a investigação sobre este tema é particularmente relevante, dada a sua presença global e o papel central que ocupa na vida espiritual e comunitária de milhões de fiéis. Estudar a inclusão de pessoas com deficiência neste contexto permitiria compreender como princípios teológicos, práticas litúrgicas e estruturas comunitárias influenciam a participação e a pertença. Além disso,

possibilitaria identificar boas práticas já em curso, áreas de melhoria e estratégias adaptadas à realidade paroquial, contribuindo para um testemunho mais fiel ao Evangelho e aos valores de dignidade humana e solidariedade.

II METODOLOGIA

O presente capítulo apresenta e justifica a metodologia adotada nesta investigação detalhando o tipo de estudo, os participantes, as técnicas e os instrumentos de recolha de dados, bem como os procedimentos de análise. Todas as escolhas foram orientadas pela pertinência para responder às questões de investigação e alcançar os objetivos propostos, em consonância com a literatura científica.

2.1 TIPO DE ESTUDO

Esta investigação adota uma abordagem quantitativa, complementada por elementos qualitativos, visando compreender as perceções, atitudes e experiências dos participantes sobre a inclusão de pessoas com deficiência na vida paroquial.

Segundo Freixo (2012), a investigação quantitativa constitui um processo sistemático de colheita de dados observáveis e quantificáveis, baseado na observação de factos objetivos, fenómenos e acontecimentos que existem independentemente do investigador. Silva e Menezes (2005) acrescenta que o método considera que todos os dados são quantificáveis e podem ser traduzidos em números, opiniões e informações para serem classificados e analisados, normalmente, utilizando métodos estatísticos.

2.2 PARTICIPANTES

A população-alvo deste estudo são católicos, participantes pertencentes a diversas paróquias situadas nas regiões Sudeste, Norte e Nordeste do Brasil.

Para alcançar o objetivo deste estudo, verificamos que era importante analisar os diferentes pontos de vista. Por isto, optamos em dividir a recolha de dados em três grupos distintos, para ter uma visão mais ampla da realidade. Os grupos definidos foram os seguintes:

Paroquianos com deficiência – A participação deste grupo é essencial, pois são os sujeitos diretamente afetados pelas barreiras atitudinais. A inclusão deste grupo permite recolher dados em primeira mão sobre experiências de exclusão ou acolhimento, bem como identificar adaptações necessárias no contexto litúrgico e comunitário. De acordo com o modelo social da deficiência definido por Oliver (1996): “Dentro do modelo social, a deficiência é entendida como [...] limitações físicas e cognitivas que os indivíduos com deficiência enfrentam. A incapacidade, por outro lado, é criada pela existência de barreiras sociais, económicas, físicas e culturais” (p. 33). Por isto fez-se fundamental ouvir estas vozes para compreender como as barreiras são vividas no quotidiano.

Paroquianos sem deficiência – Este grupo representa a maioria da comunidade eclesial e é determinante na construção ou na desconstrução de barreiras atitudinais. A sua perceção sobre a inclusão influencia diretamente as dinâmicas comunitárias. Ao integrar este grupo, é possível avaliar o nível de consciência, predisposição para a inclusão e práticas relacionais dentro da paróquia.

Membros do clero – Padres e outros ministros ordenados responsáveis pela orientação pastoral e pela condução das celebrações litúrgicas. A participação é justificada pelo papel de liderança na implementação de práticas inclusivas e na formação da comunidade.

A escolha destes grupos é justificada pela necessidade de ter diferentes olhares sob a mesma realidade, enriquecendo assim o conhecimento do problema da investigação,

pois a inclusão de pessoas com e sem deficiência física segue as recomendações de Bryman (2016), segundo as quais uma amostra heterogénea aumenta a validade externa do estudo em contextos sociais. Tal diversidade de perspetivas é crucial para identificar tanto as barreiras objetivas como as subjetivas, e para compreender como diferentes atores da comunidade percebem e experienciam a inclusão. Este método ajudou a compreender o comportamento e as atitudes dos membros das comunidades das paróquias.

2.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Na fase de recolha de dados o estudo recolheu as opiniões, vivências e experiências sobre o tema. Optou-se pela aplicação de três questionários semiestruturados, elaborados para recolher tanto informações objetivas como subjetivas. Este formato combinou questões fechadas e abertas, para, por um lado, realizar análises estatísticas de carácter comparativo e, por outro, compreender nuances e particularidades das vivências relatadas (Dillman, Smyth & Christian, 2014; Flick, 2018).

A escolha desta metodologia possibilita simultaneamente comparabilidade entre grupos e exploração de pormenores descritos, respondendo ao carácter exploratório do trabalho (Creswell & Creswell, 2018).

Foram elaborados três questionários distintos, baseadas nas questões realizadas no estudo de Erik Carter no artigo *Research on Disability and Congregational Inclusion What We Know and Where We Might Go*, de 2023, publicado na revista *Journal of Disability & Religion*, 27:2, 179-209.

Tabela 2

Questões do Estudo de investigação de Erik Carter – 2023

Área	Questões de investigação
Culto	O que significa um culto ser totalmente acessível ou universal?
	Que adaptações e apoios são priorizados pelas pessoas com deficiência?

	<p>Como líderes religiosos distinguem práticas essenciais de não essenciais?</p> <p>Quais são os limites das expectativas comportamentais nas tradições?</p> <p>Qual a forma e frequência de participação desejada?</p> <p>O que é pregado do púlpito e o que é comunicado?</p>
Aprendizagem	<p>Como são tomadas decisões curriculares em igrejas inclusivas?</p> <p>Que preparação recebem líderes e voluntários?</p> <p>Como veem os objetivos da educação religiosa para crianças com e sem deficiência?</p> <p>Até que ponto as adaptações apoiam os objetivos?</p> <p>Qual o impacto de modelos inclusivos e segregados?</p> <p>Quais as abordagens eficazes para individualizar a educação religiosa?</p>
Comunhão	<p>Como são usados grupos de afinidade para promover conexões sociais?</p> <p>Como igrejas apoiam relações nos outros dias da semana?</p> <p>O que leva membros a envolverem-se com pessoas com deficiência?</p>
Serviço	<p>Quais são os impactos para membros com e sem deficiência?</p> <p>Como as pessoas com deficiência definem pertença?</p> <p>Como a formação de relações é priorizada?</p> <p>Como igrejas identificam dons espirituais e liderança em pessoas com deficiência?</p> <p>Como seminários recrutam e apoiam estas pessoas?</p> <p>Como membros veem as capacidades e os contributos?</p> <p>São vistas como recetoras ou prestadoras de apoio?</p> <p>Como igrejas são enriquecidas pelos seus dons?</p> <p>Como mudam visões após experiências ministeriais com pessoas com deficiência?</p>
Apoio	<p>Que apoios são necessários para indivíduos e famílias?</p> <p>Como influenciam a qualidade de vida?</p> <p>Como igrejas colaboram com grupos comunitários para outras necessidades?</p>
Atitudes	<p>Que abordagens constroem consciência sobre deficiência?</p> <p>Estas levam a mudanças reais?</p> <p>Que expectativas têm igrejas sobre comportamento e participação?</p> <p>Quais as diferenças face à cultura geral?</p> <p>Qual o impacto de modelos segregados?</p> <p>Quais abordagens eficazes para mudar atitudes?</p>
Acessibilidade	

	<p>Como é conceptualizada por indivíduos e congregações? Como aumenta a participação? Como membros veem os investimentos em ministérios da deficiência?</p>
Liderança	<p>Que experiências preparam líderes para investir nesta área? Como a deficiência é abordada na formação de clérigos e líderes? Qual o papel da liderança em iniciar e sustentar esforços? O que acontece quando a liderança muda?</p>
Programação	<p>Até que ponto existem programas ou ministérios formais? Igrejas criam equipas formais? Como são definidos os objetivos e estruturas? Porque outros se envolvem como voluntários? Como famílias e líderes veem diferentes modelos ministeriais? Quais as diferenças de impacto entre igrejas com e sem ministérios formais?</p>
Influências	<p>Que fatores pessoais influenciam participação? Que fatores familiares influenciam envolvimento? Que recomendações têm líderes para fortalecer formação? Que formatos de treino são mais eficazes? Que apoios denominacionais são mais pedidos/providos? Qual o impacto?</p>
Movimentos	<p>Que fatores diferenciam congregações mais inclusivas? Quais catalisadores para mudanças? Como o trabalho é sustentado ao longo do tempo? O processo de mudança é linear ou sinuoso? Como as vozes das pessoas com deficiência estão presentes? Qual o Impacto das práticas inclusivas na comunidade?</p>

Cada questionário tem cerca de 20 questões cada, adaptados ao perfil linguístico e experiencial dos diferentes grupos, a saber:

1 - Questionário para paroquianos com deficiência física – Tem um maior foco na identificação de barreiras arquitetónicas, comunicacionais e atitudinais, bem como na análise das experiências de participação e de exclusão/inclusão na vida paroquial (ver anexo A).

2 - Questionário para sacerdotes e outros membros do clero – Destinado a recolher informação sobre práticas pastorais, recursos de acessibilidade disponíveis, formação para a inclusão e visão sobre a participação das pessoas com deficiência (ver anexo B).

3 - Questionário para paroquianos sem deficiência – Centrado na percepção sobre a inclusão, nível de interação com pessoas com deficiência e práticas de acolhimento na comunidade (ver anexo C).

A elaboração dos questionários foi guiada por três princípios: a clareza e a acessibilidade linguística, de modo a garantir a compreensão por parte de todos os participantes, independentemente do seu nível de escolaridade; a pertinência temática, assegurando que cada questão se relacionasse diretamente com os objetivos da investigação; e a neutralidade, evitando formulações que pudessem induzir respostas ou enviesar os resultados.

A aplicação dos questionários decorreu de forma online, através da plataforma Google Forms, o que possibilitou um alcance geográfico mais alargado, cobrindo várias cidades e comunidades paroquiais; a redução de custos e tempo de recolha; e a consolidação automática dos dados para análise estatística.

Para ampliar a participação, o inquérito foi divulgado pelos seguintes canais de divulgação: pelo WhatsApp, com envio direto para membros de grupos pastorais e paroquianos, acompanhado de mensagem explicativa sobre os objetivos e importância do estudo (ver Anexo D); pelas redes sociais, através de publicações nas contas de Facebook, Instagram e YouTube pessoal, além do e-mail com partilha de convites e links com comunidades e organizações ligadas à pastoral inclusiva.

2.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados recolhidos foi realizada em duas vertentes complementares, integrando abordagens quantitativas e qualitativas, com o objetivo de produzir uma leitura abrangente e fundamentada do fenómeno estudado.

a) Análise quantitativa – As respostas às questões fechadas foram tratadas através de estatística descritiva, percentagens e medidas. Esta abordagem permitiu sintetizar e comparar os resultados obtidos entre os três grupos de participantes (paroquianos com deficiência, paroquianos sem deficiência e membros do clero). A análise foi estruturada de forma a identificar padrões de resposta, níveis de concordância e divergências

significativas, permitindo assim avaliar o grau de inclusão percebido nas comunidades paroquiais.

Para apresentação dos resultados, recorreu-se à construção de tabelas, facilitando a leitura e interpretação dos dados e tornando mais claras as comparações entre grupos, em linha.

b) Análise qualitativa – As respostas às questões abertas foram submetidas a uma análise de conteúdo temática, segundo os procedimentos propostos por Bardin (2016). Este processo envolveu três etapas principais:

Pré-análise com a leitura flutuante das respostas, seleção do corpus e definição das categorias iniciais de análise; exploração do material com a codificação das respostas e organização das categorias temáticas emergentes; e o tratamento e interpretação visando explicar padrões e identificar aspetos relevantes para a compreensão do fenómeno.

A combinação de métodos quantitativos e qualitativos configura uma estratégia de triangulação metodológica (Flick, 2018), que reforça a validade dos resultados ao cruzar diferentes tipos de evidência empírica.

2.5 QUESTÕES ÉTICAS

A presente investigação cumpriu rigorosamente os princípios éticos aplicáveis à pesquisa científica com seres humanos, conforme estabelecido pela American Psychological Association (APA, 2020) e pelas orientações deontológicas da investigação social (Israel & Hay, 2006).

Os principais procedimentos adotados foram:

Informação prévia – Todos os participantes receberam, antes de responder ao questionário, uma explicação clara sobre os objetivos, a natureza e a relevância do estudo, bem como sobre a forma de utilização dos dados recolhidos.

Participação voluntária e consentimento informado presumido – A participação foi inteiramente livre, sem qualquer forma de coerção ou incentivo material. Uma vez que a submissão do questionário foi voluntária, consideramos como aceitação informada de participação, em linha com práticas correntes em estudos de inquérito online.

Anonimato, confidencialidade e respeito pela dignidade e diversidade – Nenhuma informação de identificação pessoal foi recolhida. A análise dos dados foi conduzida com respeito pela diversidade cultural, religiosa e de capacidades, valorizando as perspetivas individuais e coletivas. As respostas foram armazenadas de forma segura e apenas o investigador teve acesso direto aos dados originais.

Minimização de riscos – O estudo não apresentou riscos físicos, psicológicos ou sociais para os participantes. As questões foram formuladas de forma neutra, evitando temas de carácter intrusivo ou potencialmente sensível.

Estes cuidados éticos asseguram que a recolha, o tratamento e a divulgação dos dados respeitam integralmente a dignidade, os direitos e a integridade dos participantes, alinhando-se com os princípios universais de justiça, beneficência e respeito pela autonomia individual.

III APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados do estudo extraídos dos questionários (anexos A, B e C) organizados por temas levantados sobre a acessibilidade e a inclusão nas paróquias. Por se tratar de tema que engloba tantas camadas, estas foram divididas em subtítulos, pois somente assim podíamos tocar nesta realidade delicada e pensar possíveis caminhos de inclusão.

3.1 PERFIL DA AMOSTRA

A amostra foi composta por 101 participantes, todos católicos e inseridos numa comunidade paroquial. Os participantes foram agrupados em três grupos: membros do clero, pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência.

Tabela 3

Localização da população da amostra por estados brasileiros

Estados	Entrevistados
Bahia	2,97%
Ceará	2,97%
Maranhão	1,98%
Minas Gerais	62,38%
Pernambuco	0,99%
São Paulo	24,75%
Rio de Janeiro	3,96%

Os dados evidenciam uma alta concentração de questionários aplicados em Minas Gerais, correspondendo a 63 questionários (62,38%) do total. Este estado reúne o maior número de cidades incluídas, abrangendo desde a capital até municípios de médio e pequeno porte, o que amplia a representatividade interna do estado.

Em seguida, destaca-se o estado de São Paulo, com 25 questionários (24,75%) distribuídos entre diversos municípios do interior, da região metropolitana e da capital. A soma dos dois estados representa mais de 87% de todo o universo da amostra, revelando que a pesquisa teve foco predominante nessas regiões.

Os demais estados apresentaram participações mais modestas: Bahia (3 questionários; 3,0%), Ceará (3; 3,0%), Maranhão (2; 2,0%), Rio de Janeiro (4; 4,0%) e Pernambuco (1; 1,0%). Esses números, embora menores, demonstram que a pesquisa também alcançou diversidade regional, incluindo diferentes áreas do nordeste e do sudeste do Brasil.

A Tabela 4 apresenta a distribuição dos participantes por grupo, sendo a maioria constituída por pessoas sem deficiência (77,23%), seguidas por pessoas com deficiência (14,85%) e membros do clero (7,92%). Esta predominância de pessoas sem deficiência reflete a composição demográfica habitual de muitas comunidades católicas, nas quais a presença de pessoas com deficiência ainda representa uma minoria.

Tabela 4

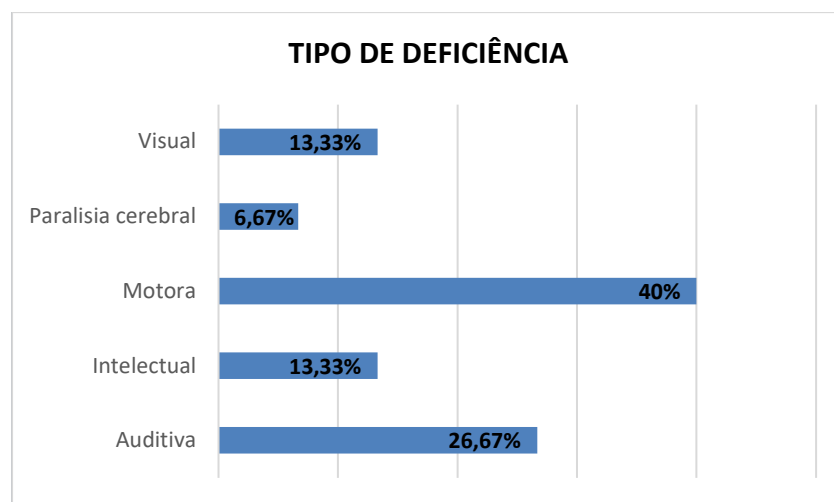
Dados demográficos da amostra: sexo, idade, tipo de deficiência e grau de instrução

Tópico	Categorias	Porcentagem (%)
Grupos	Clero	7,92%
	Pessoa com deficiência	14,85%
	Pessoa sem deficiência	77,23%
Tipos de Deficiência	Auditiva	26,67%
	Intelectual	13,33%
	Motora	40%
	Paralisia cerebral	6,67%
	Visual	13,33%
Sexo	Feminino	66,34%
	Masculino	33,66%
Grau de instrução	1º Grau	3,96%
	2º Grau	18,81%
	Doutorado	1,98%
	Licenciatura / Bacharelado	67,33%
	Mestrado	7,92%
Faixa Etária	0 - 19	3,97%
	20 - 29	1,98%
	30 - 39	14,85%
	40 - 49	27,72%
	50 - 59	33,66%
	60 - 69	12,87%
	70 - 85	4,95%

Na amostra, os tipos de deficiência mais frequentes foram a deficiência motora (40%), seguida da auditiva (26,67%), visual (13,33%), intelectual (13,33%) e paralisia cerebral (6,67%). A diversidade encontrada reforça a necessidade de abordagens inclusivas adaptadas às diferentes realidades funcionais.

Figura 1

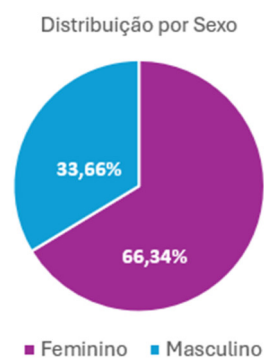
Dados demográficos da amostra – Tipos de deficiência



A amostra apresenta que a participação das pessoas do sexo feminino (66,34%) foi maioria, face a 33,66% do sexo masculino.

Figura 2

Dados demográficos da amostra – Sexo

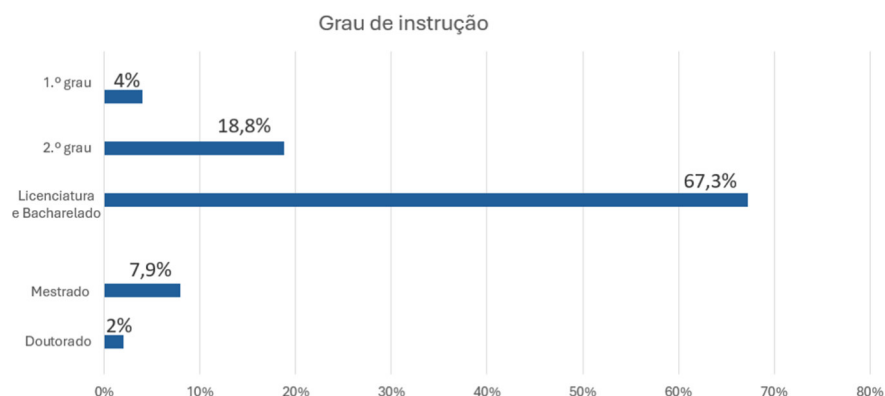


Quanto ao grau de instrução, a amostra aponta uma maioria de participantes com formação superior, principalmente no nível de Licenciatura ou Bacharelado, correspondendo a 67,33%. No que se refere à pós-graduação, observou-se que 7,92% possuem o título de Mestrado, e apenas 1,98% possuem Doutorado. Essa concentração indica que a maior parte dos respondentes possui trajetória acadêmica consolidada no ensino superior, o que pode influenciar a qualidade das respostas, considerando o maior acesso a práticas de leitura, escrita e reflexão crítica. Já nos níveis educacionais mais básicos, 18,81% informaram ter concluído o 2º Grau (Ensino Médio), enquanto apenas 3,96% relataram ter concluído apenas o 1º Grau (Ensino Fundamental). Tais dados demonstram que, embora haja diversidade no perfil educacional dos participantes, a distribuição é marcadamente assimétrica, com forte predominância de sujeitos com ensino superior.

Essa configuração da amostra deve ser considerada na análise e interpretação dos resultados, uma vez que a elevada escolaridade dos respondentes tende a direcionar determinadas percepções e posicionamentos, limitando a generalização dos achados para contextos sociais mais amplos, especialmente aqueles compostos por indivíduos com menor nível de instrução.

Figura 3

Dados demográficos da amostra – Grau de instrução



Quanto à análise da etária dos participantes revelou uma maior concentração nas faixas de 50 a 59 anos 33,66%; e de 40 a 49 anos 27,72%, que juntas somam 61,38% da

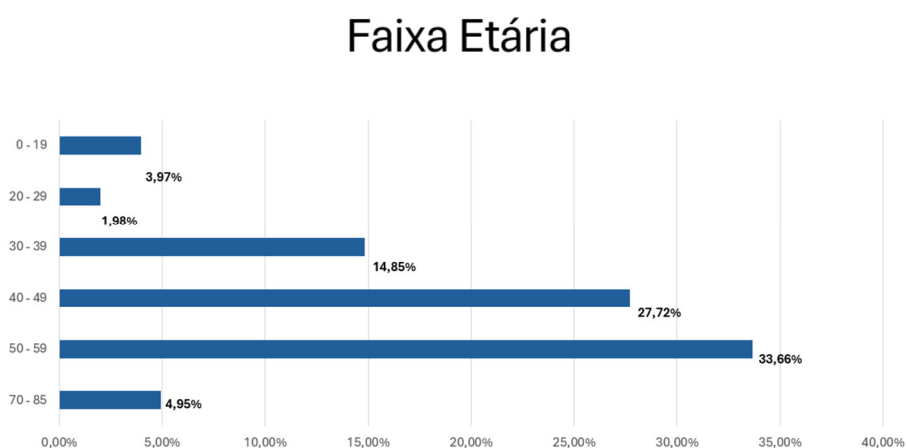
amostra. Esse dado evidencia que a maioria dos respondentes se encontra em uma etapa de maturidade, o que pode refletir em maior estabilidade de opiniões e experiências acumuladas.

A faixa dos 30 a 39 anos corresponde a 14,85%, seguida pela de 60 a 69 anos, com 12,87%. Já as faixas etárias extremas apresentam menor representatividade: 0 a 19 anos 3,97%; 20 a 29 anos 1,98%; e 70 a 85 anos 4,95%.

A distribuição etária, portanto, mostra-se assimétrica, com predominância de sujeitos entre os 40 e 59 anos, A baixa representatividade dos participantes mais jovens e dos mais idosos sugere que as percepções e experiências analisadas no estudo refletem maioritariamente o ponto de vista de indivíduos em idade adulta intermediária, com menor peso das gerações mais novas e mais velhas.

Figura 4

Dados demográficos da amostra – Faixa etária



3.2 PARTICIPAÇÃO NA VIDA PAROQUIAL

Um dos pilares fundamentais da vivência cristã é a vida paroquial, que promove não só a espiritualidade, mas também a comunhão fraterna e eclesial. Neste estudo foram apreciados cinco aspectos da vida paroquial: missas dominicais e diárias, trabalho pastorais, grupos de oração e a catequese.

Nas respostas do inquérito vemos que os paroquianos com deficiência representam 14,85% da amostra, enquanto os sem deficiência são cerca de 77,23%, uma diferença de 62,38% pontos percentuais. Isto vai de encontro com os resultados de Cater (2023) ao referir a reduzida participação das pessoas com deficiência. Pecebe-se que a participação nas atividades dos paroquianos com deficiência deste estudo é bem menor do que os paroquianos sem deficiência, principalmente na catequese, onde 75% das pessoas com deficiência afirmaram nunca participar. Saliento que todo paroquiano que se envolve numa atividade tende a estar presentes em várias atividades, contudo, é mais perceptível que os paroquianos com deficiência apresentam menores taxas de envolvimento, o que levanta questões sobre a acessibilidade, o acolhimento no seio da paróquia.

Tabela 5

Participação paroquial: Missas Dominicais, Missa diária, Pastorais, Grupo de oração e Catequese

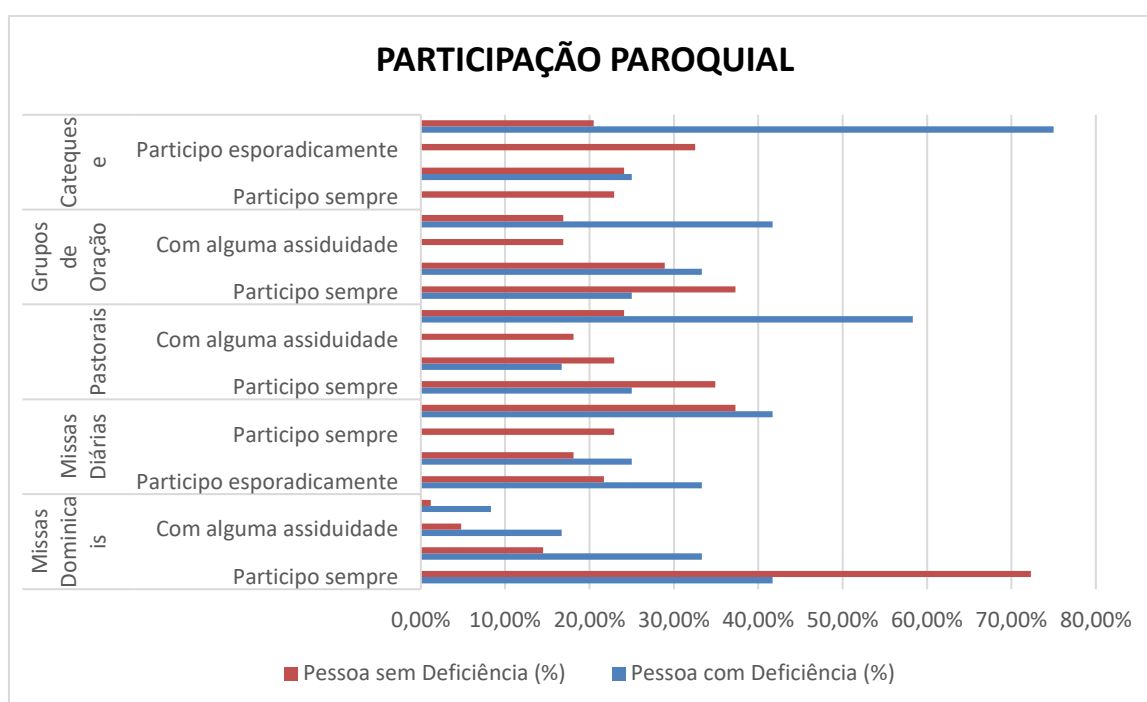
Atividade	Frequência	Pessoa com Deficiência (%)	Pessoa sem Deficiência (%)	
Missa Domicais	Participo sempre	41,70%	72,30%	
	Participo esporadicamente	33,30%	14,50%	
	Com alguma assiduidade	16,70%	4,80%	
	Nunca participo	8,30%	1,20%	
Missa Diárias	Participo sempre	—	22,90%	
	Participo esporadicamente	33,30%	21,70%	
	Com alguma assiduidade	25,00%	18,10%	
	Nunca participo	41,70%	37,30%	
Pastorais	Participo sempre	25,00%	34,90%	
	Participo esporadicamente	16,70%	22,90%	
	Com alguma assiduidade	—	18,10%	
Nunca participo	Nunca participo	58,30%	24,10%	
	Grupos de Oração	Participo sempre	25,00%	37,30%
		Participo esporadicamente	33,30%	28,90%
Com alguma assiduidade		—	16,90%	
Nunca participo		41,70%	16,90%	
Catequese	Participo sempre	—	22,90%	
	Com alguma assiduidade	25,00%	24,10%	
	Participo esporadicamente	—	32,50%	

Os dados apontam um desequilíbrio na inclusão e na participação das pessoas com deficiência nas atividades paroquiais em relação ao restante dos paroquianos. A tabela Nº 3 - Participação Paroquial revela que, embora exista uma boa participação por parte das pessoas com deficiência, os índices de resposta “Nunca participo” são particularmente elevados, sobretudo nas atividades de carácter formativo e pastoral.

No estudo realizado por Erik Carter no ano de 2023 conseguimos perceber a mesma realidade nas congregações dos Estados Unidos da América, onde os dados mostram que 60% dos indivíduos com deficiência entrevistados frequentam cultos – o que não acontece nas outras áreas da vida comunitária, como educação religiosa, grupos de jovens e atividades sociais, em que a frequência é muito menor.

Figura 5

Participação Paroquial - Missas Dominicais, Missa diária, Pastorais, Grupo de oração e Catequese



Sobre a forma como os outros dois grupos da paróquia interagem, analisa-se a natureza dos seus relacionamentos com pessoas com deficiência.

No grupo formado pelos paroquianos sem deficiência, a maior parte indicou ter relações próximas com pessoas com deficiência: 45% declararam ter amizades; 20%, laços familiares, e 8,75% declararam ter outros tipos de relações. Mas 26,25% não declararam

qualquer relação, talvez demonstrando uma distância ou falta de experiências inclusivas neste grupo.

Aqui vemos um quadro em que a maioria dos participantes tem algum tipo de relação com pessoas com deficiência, o que é encorajador do ponto de vista da construção de uma comunidade paroquial mais inclusiva.

Percepção da inclusão paroquial por grupos distintos

O Papa Francisco (2021) recorda que “não basta remover barreiras físicas; é necessário tocar o coração das pessoas, promovendo uma cultura do encontro e da inclusão”, enfatizando que a acessibilidade deve ser material e relacional.

A pergunta sobre como cada entrevistado classifica a inclusão na paróquia indica que menos de um terço dos entrevistados considera que existe inclusão total e sem barreiras.

Tabela 6

Percepção sobre níveis de inclusão – com valores por grupo

Grupo	Inclusão Total	Inclusão Parcial	Inclusão pouca ou nenhuma
Clero	37,50%	50%	12,50%
Pessoa com deficiência	16,70%	58,30%	25%
Pessoa sem deficiência	25,30%	43,40%	31,30%

Na Tabela nº 6 - Inclusão na paróquia, a maioria reconhece que há dificuldades relevantes para a participação plena, seja por barreiras físicas, comunicacionais, relacionais ou pastorais. As respostas das pessoas com deficiência é a mais crítica: 58,30% apontam que a inclusão é parcial e com algumas dificuldades; 25% dizem ter muita dificuldade e pouca inclusão; e apenas 16,70% dizem não haver barreiras para a inclusão. Contudo, é significativo que mesmo os membros do clero e os demais leigos reconheçam falhas no processo inclusivo.

3.3 BARREIRAS

As barreiras de inclusão são os obstáculos físicos, comunicacionais, atitudinais ou institucionais que impedem a participação plena das pessoas com deficiência na sociedade.

A Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006) apresenta que tais barreiras comprometem o exercício de direitos fundamentais, como a educação, o trabalho e a participação comunitária. No contexto brasileiro, a Lei Brasileira de Inclusão (Lei n.º 13.146/2015) reforça que eliminar barreiras significa promover acessibilidade universal e condições de igualdade.

Para Sasaki (2003), “a inclusão social implica uma transformação nos sistemas sociais, para que se tornem abertos e acessíveis a todos” (p. 41). Assim, compreender e superar as barreiras de inclusão é condição essencial para a efetivação da cidadania e da dignidade da pessoa humana.

Tabela Nº 7

Níveis de barreiras arquitetônicas, atitudinais e comunicacionais nas paróquias

Grupos	Nível de Barreira	Atitudinal	Arquitetura	Comunicação
Clero	Grande	0,00%	0,00%	0,00%
	Média	1,10%	1,10%	1,10%
	Nenhuma	3,50%	3,20%	3,20%
	Pequena	2,30%	2,10%	2,10%
	Não respondeu	0,00%	1,10%	2,10%
Pessoa com Deficiência	Grande	3,50%	3,20%	3,20%
	Média	3,50%	3,20%	3,20%
	Nenhuma	1,20%	1,10%	1,10%
	Pequena	3,50%	3,20%	3,20%
	Não respondeu	0,00%	2,10%	1,10%
Pessoa sem deficiência	Grande	12,80%	11,70%	11,70%
	Média	24,40%	22,30%	22,30%
	Nenhuma	18,60%	16,00%	16,00%
	Pequena	25,60%	22,30%	21,30%
	Não respondeu	0,00%	7,40%	8,40%

Arquitetônicas

Barreiras arquitetônicas são obstáculos físicos que limitam o acesso a espaços. Deve-se garantir a acessibilidade em todos os ambientes físicos, incluindo edifícios religiosos.

Do número dos entrevistados, 16% apresentam que na sua paróquia as barreiras arquitetônicas são grandes; 22,3% definem que as barreiras arquitetônicas são de nível médio, e 16% dizem que não existem barreiras.

Ao analisarmos mais detalhadamente por grupo, podemos verificar que as pessoas sem deficiência são o grupo que mais reportou que as barreiras são de nível médio, com 22,3%, e que as barreiras são pequenas, também com 22,3%. Isto pode sugerir uma autoavaliação crítica dos próprios comportamentos e atitudes sociais.

Já as pessoas com deficiência apresentaram uma divisão mais equilibrada entre as categorias: 3,2% dos entrevistados (41,7% dentre as pessoas com deficiência) indicaram que as barreiras arquitetônicas são grandes.

O elevado número de respostas sugere que as barreiras arquitetônicas ainda são relevantes, especialmente para o grupo formado pelas pessoas com deficiência, embora exista uma tendência de menor percepção por parte dos outros grupos. Estas respostas demonstram que, apesar da exigência das leis de acessibilidades, ainda é necessário fazer melhorias, pois a plena inclusão arquitetônica está longe de ser atingida. Como destacam Imrie e Hall (2001), “ao responderem principalmente às necessidades de usuários de cadeira de rodas, tais profissionais estão, de facto, reagindo às demandas de uma minoria de pessoas com deficiências físicas e mentais” (p. 43). Assim, ao aplicar a lei para os deficientes físicos acaba-se a ajudar os demais tipos de deficiência. Mas verificamos que a acessibilidade universal não é ainda um princípio transversal na organização dos espaços litúrgicos.

Barreiras Comunicacionais

A comunicação litúrgica na Igreja Católica se dá através da palavra, do canto, dos gestos, das imagens, do espaço e até pelo silêncio. A comunicação falada é a forma comunicacional mais utilizada na liturgia católica ela é a revelação divina mediante a

palavra lida das leituras sagradas. Contudo, os gestos precisam ser vistos; o silêncio precisa ser sentido. Neste contexto, é fundamental analisar quais são as barreiras comunicacionais que impedem assembleia de ter acesso aos atos litúrgicos e descobrir caminhos para uma comunicação inclusiva, como apresenta Sassaki (2003) ao dizer que a comunicação inclusiva precisa contemplar diversos modos de expressão, incluindo língua gestual, linguagem simples e suportes visuais.

Assim sendo, a comunicação no altar constitui um dos pilares fundamentais da experiência litúrgica, e os dados recolhidos abordam quatro dimensões da comunicação durante a missa: intérpretes de língua gestual, qualidade do áudio, visibilidade do altar e uso de linguagem simplificada.

Tabela Nº 8

Qualidade da comunicação nas paróquias quanto à qualidade de intérpretes, visibilidade do altar e linguagem do discurso

Categoria	Nível	Clero	Pessoa com deficiência	Pessoa sem deficiência
Intérpretes	Excelente	0,99%	0,00%	14,85%
	Ótimo	0,00%	1,98%	2,97%
	Bom	2,97%	3,96%	26,73%
	Regular	1,98%	2,97%	18,81%
	Ruim	0,99%	2,97%	9,90%
	Péssima	0,99%	2,97%	3,96%
Visibilidade	Excelente	1,98%	0,00%	20,79%
	Ótimo	0,00%	2,97%	1,98%
	Bom	2,97%	2,97%	32,67%
	Regular	0,99%	2,97%	17,82%
	Ruim	0,99%	1,98%	1,98%
	Péssima	0,99%	3,96%	1,98%
Linguagem	Excelente	0,99%	0,00%	15,84%
	Ótimo	0,00%	1,98%	0,99%
	Bom	1,98%	2,97%	28,71%
	Regular	2,97%	2,97%	23,76%
	Ruim	1,98%	3,96%	3,96%
	Péssima	0,00%	2,97%	3,96%

Quanto à presença de intérpretes em língua gestual, a avaliação foi diversificada: 33,7% consideraram o serviço bom, e 15,8% excelente. Apenas 4% o avaliaram como ótimo, enquanto 22,8% o classificaram como regular. Já 10,9% avaliaram como ruim, e 6,9% como péssimo, evidenciando que, apesar de avaliações positivas, ainda há fragilidades relevantes.

Quando questionados sobre a visibilidade do altar, 38,6% dos participantes a consideraram boa, e 22,8% excelente, compondo a maioria positiva. Entretanto, 19,8% avaliaram como regular, 4,9% como péssima e 4% como ruim, mostrando que ainda há barreiras visuais significativas para parte da comunidade.

Relativamente ao uso de linguagem simplificada, 33,7% classificaram como boa, e 16,8% excelente. Outros 28,7% avaliaram como regular, mas 8,9% consideraram ruim e 4,9% péssima, o que aponta para a necessidade de maior acessibilidade comunicacional durante as celebrações.

Sobre a qualidade do áudio da comunicação durante a missa, 35,7% avaliaram-na como boa, mas 24,2% consideraram como regular, e 11,5%, ruim.

Na Audiência Geral do dia 12 de junho de 2025, o Papa Francisco e sua catequese adverte os sacerdotes a dizer: “[...] digo isso aos sacerdotes que falam muito e não se entende do que estão falando. Uma homilia curta: um pensamento, um sentimento e uma ação, como fazer. Não mais que oito minutos. Porque a homilia deve ajudar a transferir a Palavra de Deus do livro para a vida”.

Barreiras Atitudinais

As barreiras atitudinais, embora menos visíveis, são frequentemente as mais impeditivas da inclusão e da participação das pessoas com deficiência na vida comunitária. Como destaca Mendes (2010):

Percebe-se a importância de, (se não eliminar) pelo menos minimizar as barreiras atitudinais responsáveis pela exclusão e discriminação de muitas pessoas com deficiência... ‘Nossa atitude, portanto, é decisiva para que zelemos pelo que foi conquistado, evitemos retrocessos e avancemos o debate’. (p. 44)

Os dados apresentados na Tabela nº 9 apresentam que as barreiras atitudinais estão presentes nas paróquias; as opiniões de “regulares” e “ruins” demonstram que ainda existe um ambiente excludente.

Tabela 9

Barreiras atitudinais – Níveis das barreiras atitudinais nas paróquias

Barreiras atitudinais	Bom	Ótimo	Péssimo	Regular	Ruim
Falta de empatia	22,80%	10,90%	7,60%	48,90%	9,80%
Subestimação de capacidade	31,10%	7,80%	8,90%	40%	12,20%
Superproteção	16,50%	9,90%	9,90%	49,50%	14,30%
Receio de interação	16,80%	6,70%	6,70%	47,20%	22,50%
Capacitismo	19,10%	4,50%	7,90%	51,70%	16,90%
Discriminação	20%	7,80%	7,80%	41,10%	23,30%
Falta de acolhimento	20,70%	13,80%	5,70%	41,40%	18,40%
Falta de compreensão	26,70%	11,10%	5,6%%	36,60%	20%
Falta de consciência dos direitos	23,30%	8,90%	7,8%%	43,30%	16,70%

A falta de empatia foi considerada regular por 48,9% e ruim por 9,8%, indicando uma ausência de sensibilidade com as pessoas com deficiência. De forma semelhante, a subestimação das capacidades foi apontada por 40% como regular e 12,2% como ruim, o que demonstra que ainda predomina uma visão limitadora do potencial das pessoas com deficiência.

No que se refere à superproteção, as opiniões de 49,5% dos entrevistados avaliam como regular, sugerindo que, embora revestida de benevolência, exista restrições à autonomia. Já o receio de interação, identificado como regular por 47,2% e ruim por 22,5%, aponta para um clima de constrangimento social e falta de preparo formativo da comunidade.

O capacitismo, segundo Campbell (2009), é um sistema cultural, social e político que privilegia corpos e mentes considerados “normais” e “capazes”, ao mesmo tempo em que marginaliza e desvaloriza as pessoas com deficiência (p. 4–5). Este foi reportado por 51,7% como uma realidade regular, revelando a persistência de estigmas culturais profundamente enraizados. Também a discriminação apresentou índices elevados, sendo considerada regular por 41,1% e ruim por 23,3%.

A falta de acolhimento e de compreensão, que são pontos centrais na vivência comunitária, foram avaliadas de forma negativa por mais de 35% dos participantes da pesquisa, e a falta de consciência sobre os direitos das pessoas com deficiência foi apontada como regular por 43,3% e como ruim para 16,7%. Esse dado é preocupante, pois demonstra a ausência de conhecimento sobre direitos humanos e cidadania plena no seio das comunidades religiosas.

Segundo Oliver e Barnes (2012), a deficiência não reside apenas nas limitações corporais, mas sobretudo nas estruturas sociais que excluem, revelando que as barreiras sociais e atitudinais são as principais responsáveis pela marginalização das pessoas com deficiência (pp. 18–19).

Estruturas de acessibilidade

Para entender a estrutura paroquial e o que é preparado para a acessibilidade, questionamos aos sacerdotes sobre as ações realizadas para a acessibilidade nas paróquias.

Apenas 50% dos padres entrevistados têm, nas suas paróquias, lugares reservados para pessoas com deficiência, o que compromete diretamente o direito à prática religiosa em condições de igualdade, tal como previsto no artigo 30.º da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Nações Unidas, 2006).

Apenas uma paróquia disponibiliza intérprete de língua gestual, e nenhuma paróquia oferece materiais em braille ou em letras ampliadas, telões com legendas, aplicações de acessibilidade ou audiodescrição. Segundo Sasaki (2003), a ausência de recursos de acessibilidade nas instituições limita o exercício pleno dos direitos das pessoas com

deficiência, especialmente no que se refere ao acesso às informações e à comunicação, restringindo significativamente sua participação em atividades coletivas, incluindo o conteúdo litúrgico.

Somente uma paróquia dos padres entrevistados tem uma pastoral dedicada à pessoa com deficiência. Esta realidade contraria as diretrizes do Papa Francisco, que apelou insistentemente a uma Igreja inclusiva e acessível a todos.

Como sublinham Oliver e Barnes (2010): “Enquanto a deficiência é causada por barreiras culturais, sociais e ambientais hostis, a limitação impõe constrangimentos pessoais ao indivíduo” (p. 552), a mudança estrutural só acontece quando a exclusão deixa de ser tolerada como algo normal. Nesta perspectiva, a Igreja, enquanto espaço comunitário de fé, é chamada a ser vanguarda na promoção de uma espiritualidade inclusiva e de uma práxis litúrgica onde ninguém seja deixado para trás.

3.4 INCLUSÃO PAROQUIAL

Fraternidade, Inclusão e Acolhimento

A fraternidade é um dos pilares da vivência cristã e ela passa necessariamente pela acolhida que abrange a participação litúrgica como também no convívio. Uma comunidade verdadeiramente cristã reconhece cada pessoa como dom, valoriza as diferenças e combate qualquer forma de exclusão.

Neste contexto, foi questionado como cada um percebia o comportamento de ajuda entre os paroquianos, e podemos ver os índices destas respostas na Tabela nº 10.

Tabela 10 –

Análise de ajuda entre paroquianos com porcentagem por grupos de paroquianos com e sem deficiência

Questão	Grupos	Porcentagem
A ajuda é bem-vinda quando questionada anteriormente	Pessoas com deficiência	75,00%

Ajuda sempre boa se respeitar os limites	Pessoas com deficiência	8,33%
Ajuda é sempre bem-vinda	Pessoas com deficiência	8,33%
Apenas quando solicitada	Pessoas com deficiência	8,33%
Procuro ajudar, mas pergunto se precisa de ajuda	Pessoas sem deficiência	73,26%
Procuro ajudar imediatamente	Pessoas sem deficiência	15,10%
Não me aproximo, não sei como interagir	Pessoas sem deficiência	8,24%
Não ajudo, a pessoa sabe lidar com limitações	Pessoas sem deficiência	3,40%

É possível verificar na tabela Nº 10, acima, que 75% das pessoas com deficiência indicam que a ajuda é bem-vinda desde que seja precedida de consentimento ou questionamento prévio, mostrando sensibilidade e respeito pela autonomia da pessoa; em contrapartida, apenas 8,33% dizem que “a ajuda é sempre bem-vinda”, sem qualquer ressalva.

No grupo das pessoas sem deficiência, a maioria, 73,26%, procura ajudar, perguntando antes como pode fazê-lo. Contudo, 8,24% afirmaram evitar interação por não saberem como agir, e 3,49% assumem não prestar ajuda por acreditarem que a pessoa já sabe lidar com as suas limitações.

Estes dados revelam uma consciência ética nas relações interpessoais dentro do espaço eclesial, em sintonia com uma concepção de inclusão que valoriza o respeito mútuo e a dignidade da pessoa humana, conforme sublinha o Concílio Vaticano II: “*A dignidade da pessoa humana deve ser respeitada e promovida com igual cuidado*” (Gaudium et Spes, 1965, n.º 26).

A inclusão na catequese

A transferência e propagação da fé cristã se dá na catequese. Ela é o espaço privilegiado para a transmissão da fé e do amadurecimento espiritual dos fiéis. O Catecismo da Igreja Católica define-a da seguinte forma:

A catequese é uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, que compreende especialmente o ensino da doutrina cristã, ministrado em geral de um modo orgânico e sistemático, em ordem à iniciação na plenitude da vida cristã. (CIC, 1979, cap. I, §5)

Aqui vemos que o processo de formação deve ser acessível a todos os batizados, independentemente da sua condição física, cognitiva ou sensorial.

Neste estudo, analisamos cinco categorias de inclusão: catequese inclusiva, catequese em Libras, catequese com material em Braille, catequese com livros acessíveis e catequese com apoio paterno.

Tabela 11

Análise da qualidade da catequese inclusiva por categoria

Modalidade de Catequese	Grupo	Ótima (%)	Boa (%)	Regular (%)	Nenhuma (%)
Catequese inclusiva para Crianças	Com deficiência	15,15%	15,15%	15,15%	54,55
Catequese inclusiva para Crianças	Sem deficiência	16,67%	34,72%	29,17%	19,44%
Catequese em Libras	Com deficiência	8,33%	0%	8,33%	83,34%
Catequese em Libras	Sem deficiência	4,17%	16,67%	15,28%	63,88%
Catequese com material em Braille	Com deficiência	0%	0%	0%	100%
Catequese com material em Braille	Sem deficiência	5,71%	5,71%	10%	78,58%
Catequese com livros em formatos acessíveis	Com deficiência	18,18%	0%	18,18%	63,64%
Catequese com livros em formatos acessíveis	Sem deficiência	5,56%	25%	11,11%	58,33%
Catequese com apoio paterno	Com deficiência	9,09%	18,18%	18,18%	54,55%
Catequese com apoio paterno	Sem deficiência	8,22%	31,50%	19,18%	41,10%

Quando olhamos para a Tabela nº 11, que faz a sondagem sobre a catequese inclusiva, percebemos algumas diferenças a respeito do acesso à catequese para pessoas com e sem deficiência. Um exemplo é a catequese com material em Braille: 100% dos respondentes indicaram não haver esse tipo de recurso disponível em suas paróquias. Já em Libras, 83,33% dos que têm deficiência afirmaram inexistência total.

Quando se cruzam estes resultados com o estudo de Carter (2022-2023) , nota-se que as ofertas de apoios adicionais nas duas realidades são limitadas. Carter mostrou que apenas 42,5% dos pais estavam satisfeitos com a inclusão religiosa; na catequese local, apenas 18,18% das pessoas com deficiência avaliam positivamente a experiência, contra 34,72% das pessoas sem deficiência.

Assim, vemos que tanto no estudo americano como no contexto paroquial brasileiro o principal obstáculo não é a falta de fé ou o desejo de participação, mas sim a ausência de apoios concretos, materiais acessíveis e formação dos agentes pastorais.

Como adverte o Papa Francisco (2018): “A Igreja deve ser uma casa para todos, onde ninguém se sinta excluído”. A pastoral inclusiva não é uma opção, mas uma exigência evangélica, exigindo: a formação de catequistas para responder às necessidades de cada participante; a produção de materiais acessíveis, incluindo Braille, Libras e recursos adaptados; o envolvimento ativo da família e da comunidade, promovendo plena participação de todos.

Tabela 12

Opinião sobre a existência de missas exclusivas

Opinião sobre missa inclusiva	Pessoa com deficiência	Pessoa sem deficiência
Não, as missas devem ser inclusivas para todos, sem distinção	58,33%	76,54%
Sim, deve existir missas inclusivas para garantir a acessibilidade e participação	30,33%	21,00%
Para deficientes auditivos deveria haver legendas	5,67%	0,00%
Diversos casos específicos, mas deve ser inclusiva	5,67%	0,00%
Analisar contexto e realidade para missas somente comemorativas	0%	1%
Todas as missas devem ser inclusivas	0%	1,23%

Para compreender o grau de consciência inclusiva na esfera litúrgica, os participantes foram questionados se consideram necessário haver missas exclusivas para pessoas com deficiência. As respostas estão consolidadas na Tabela nº 12 – Missas Exclusivas.

A análise da opinião sobre missas inclusivas mostrou que 74,26% dos participantes consideram desnecessário criar celebrações separadas, defendendo que todas as missas devem ser plenamente inclusivas, em consonância com o Catecismo da Igreja Católica (1997). Cerca de 21,78% apoiam celebrações exclusivas em casos específicos, especialmente para pessoas com deficiência auditiva, sensorial ou cognitiva. Apenas 0,99% sugeriu avaliar contexto ou casos específicos, revelando que, embora a inclusão seja o ideal, a prática pastoral pode exigir adaptação conforme a realidade local.

Sentimento de exclusão e barreiras à participação na vida paroquial

Embora a Igreja se apresente como espaço de acolhimento universal, os dados revelam que muitos fiéis com deficiência ainda se sentem excluídos ou encontram obstáculos à participação plena na vida comunitária. A pastoral da inclusão, portanto, continua a ser um desafio para muitas comunidades eclesiais.

Tabela 13

Análise da qualidade sobre o sentimento de exclusão nas paróquias

Temas	Categoria	Sim	Não
Já deixou de participar da missa por se sentir excluído	Pessoa com deficiência	50,00%	50,00%
Conhece alguém com deficiência que deixou de ir à missa por se sentir excluído	Pessoa sem deficiência	18,60%	81,40%
Já lhe perguntaram como melhorar sua inclusão na paróquia	Pessoa com deficiência	8,30%	91,70%
Já perguntou a uma pessoa com deficiência como melhorar a inclusão	Pessoa sem deficiência	28,90%	71,10%
Já foi convidado para participar de pastorais	Pessoa com deficiência	66,70%	33,30%
Conhece alguém com deficiência que foi convidado para pastorais	Pessoa sem deficiência	51,80%	48,20%
Já foi impedido de participar de alguma atividade paroquial	Pessoa com deficiência	16,70%	83,30%

Conhece alguém com deficiência que foi impedido de participar	Pessoa sem deficiência	14,10%	85,90%
---	------------------------	--------	--------

Na tabela nº 13 vemos que 50% das pessoas com deficiência já deixaram de participar da missa por se sentirem excluídas. Este número revela uma lacuna na comunhão eclesial. Entre os paroquianos sem deficiência, 18,6% afirmam conhecer pessoas que abandonaram a missa por este motivo, evidenciando que a exclusão é percebida de forma indireta pela comunidade.

Quando se trata de inclusão em espaços ativos da comunidade, como pastorais, apenas 33,3% das pessoas com deficiência foram convidadas a participar. A presença de pessoas com deficiência em funções e ministérios pastorais continua limitada. Além disso, apenas 23 dos 84 respondentes (27,4%) sem deficiência afirmaram já ter perguntado a alguém com deficiência como melhorar a sua inclusão. A maioria (72,6%) nunca o fez, o que evidencia uma lacuna no diálogo e na escuta ativa.

Também é preocupante o facto de que 16% das pessoas com deficiência já foram impedidas de participar de alguma atividade paroquial. Quando questionadas sobre igualdade de oportunidades, apenas 58,3% afirmam ter as mesmas chances de participação, evidenciando um défice claro na igualdade de acesso, contrariando os princípios doutrinários da Igreja, que defendem a dignidade e o protagonismo de cada batizado (CIC, 1997; Francisco, 2021).

Opiniões e inclusão na vida paroquial

Nas perguntas abertas vemos a opinião aberta de vários fatores de inclusão nas paróquias.

Nos questionários realizadas foi perguntado a opinião dos respondentes sobre a inclusão nas paróquias, e as respostas trazem importantes percepções complementares acerca da inclusão nas paróquias católicas. As respostas revelam tanto desafios ainda presentes, como o capacitismo, a falta de acessibilidade e a carência de formação, quanto caminhos de superação, que envolvem o acolhimento, a participação ativa e a criação de iniciativas pastorais específicas. Para sistematizar essas contribuições,

elaborou-se a tabela comparativa nº 14, a seguir, que reúne as principais dimensões identificadas, acompanhadas de trechos representativos das falas dos entrevistados. O objetivo é destacar como cada grupo percebe e propõe a inclusão, permitindo visualizar pontos de convergência e aspectos que ainda requerem atenção pastoral e comunitária.

Tabela 14

Opiniões sobre a inclusão nas paróquias – Síntese das respostas abertas nos questionários

Dimensão	Pessoas com Deficiência	Pessoas sem deficiência	Clero (Padres)
1. Combate ao Capacitismo	“Ao invés de enxergar dons, talentos e capacidades, enxergam limitações. Ao invés de incluir, acabam deixando de lado. Isso dói, porque a Igreja deveria ser o lugar onde todos se sentem parte do corpo de Cristo...”	“Tratá-las como pessoas e não supervalorizar a deficiência, a ponto de torná-las incapazes.”	“Falta de compreensão... todos têm seu valor e sua capacidade de contribuição na missão eclesial.”
2. Acolhimento e Respeito	“Pessoas com deficiência não precisam de dó, precisam de espaço, inclusão, respeito e reconhecimento.”	“Primeiro fazer um bom acolhimento, depois conhecer as necessidades de cada um para poderem ser atendidas, tornando sua participação efetiva.”	“Acolhimento no dia a dia e tendo em conta cada um/uma na sua diferença.”
3. Acessibilidade Física	“Com mais acessibilidade, inclusive com rampas de acesso aos altares e espaços específicos entre os bancos das igrejas para os cadeirantes.”	“Rampa de acesso ao presbitério, atualmente feita somente por escadas.”	“Temos que proporcionar o acesso destes ao meio eclesial.”
4. Acessibilidade Comunicacional	Não houve respostas	“Promover a capacitação de intérpretes... acessibilidade em Libras... adequação da linguagem.”	“Acesso e comunicação (surdos e mudos)... comunicação e acessibilidade.”
5. Formação e Conscientização	“Formar as pessoas de como incluir a todos.”	“Formação e informações para toda assembleia... continuar a investir em processos formativos... sensibilizar a comunidade contra práticas capacitistas.”	“Formação... deve procurar capacitar uma equipe para esse fim.”
6. Participação Ativa das Pessoas com Deficiência	“Cada um tem algo a oferecer. Todos nós somos instrumentos nas mãos de Deus.”	“Convidando as pessoas para participar do ofertório, pastorais, etc. gerar oportunidades para que participem mais efetivamente.”	“Todos possuem seu espaço e importância na vida da Igreja.”

7. Pastoral da Inclusão	“Precisamos ter a pastoral da inclusão em todas as paróquias e os padres precisam olhar para essa causa.”	“Seria dando mais espaços e até criando uma pastoral para apoiá-los e incentivá-los.”	“Para além da conscientização, precisa ter conhecimento sobre o que seria incluir, como o fazer sem faltar com a caridade.”
8. Apoio às Famílias e Comunidade	Não houve respostas	“Formações para os pais de crianças com deficiências intelectuais, ensinando a lidar com as crianças durante a missa e também dando apoio espiritual e psicológico.”	“Procurar compreender a necessidade de cada um e adaptar em diálogo.”

Observa-se, a partir da Tabela nº 14 - Inclusão nas Paróquias - Síntese das respostas abertas nos questionários, uma significativa convergência entre os diferentes grupos entrevistados quanto à centralidade do acolhimento, da acessibilidade e da participação ativa das pessoas com deficiência na vida paroquial. Enquanto os fiéis com deficiência enfatizam a necessidade de superar o capacitismo e de garantir espaços reais de reconhecimento e dignidade, os paroquianos sem deficiência destacam a importância da formação, da comunicação acessível e do convite explícito à participação. Já o clero reconhece as limitações ainda existentes, sobretudo no campo da comunicação e da sensibilização comunitária, e aponta a urgência de capacitação e diálogo pastoral.

Assim, os testemunhos analisados convergem para a urgência de uma pastoral da inclusão que integre dimensões estruturais, formativas e espirituais, de modo que a paróquia se torne, efetivamente, sinal de comunhão e testemunho evangélico de acolhida a todos, à imagem de Cristo, que se fez próximo dos pequenos e marginalizados.

IV CONCLUSÃO

4.1 SÍNTESE DOS RESULTADOS

O presente estudo analisou a inclusão de pessoas com deficiência nas paróquias católicas brasileiras, a partir da percepção de três grupos distintos: pessoas com deficiência, paroquianos sem deficiência e membros do clero. A amostra de 101 participantes teve como foco as realidades contrastantes: de um lado, práticas de acolhimento e reconhecimento da dignidade; de outro, barreiras persistentes que limitam a participação plena.

Os dados demonstraram que a participação de pessoas com deficiência em atividades paroquiais é significativamente inferior à dos demais paroquianos. Na catequese, por exemplo, 75% afirmaram nunca participar, o que denuncia uma exclusão estrutural em áreas centrais da vida comunitária. Este dado concorda com os estudos de Carter (2016, 2023), que identificaram alta presença nos cultos dominicais (mais de 60% semanalmente), mas baixa participação em programas de educação religiosa (18% com suporte consistente) e em papéis de liderança (11% em leituras bíblicas; 13% em orações).

As barreiras relatadas foram de natureza arquitetônica, comunicacional e, sobretudo, atitudinal. O capacitismo, a subestimação de capacidades e a falta de empatia emergem como fatores determinantes da exclusão. Esta constatação confirma a análise de Campbell (2009), para quem a deficiência é marginalizada num sistema que privilegia corpos e mentes considerados “normais”.

4.2 COMPARAÇÃO COM ESTUDOS INTERNACIONAIS

A investigação de Carter e colaboradores (2012–2024) fornece um quadro internacional de referência, permitindo situar os resultados desta pesquisa. Em estudos realizados com mais de 800 pais e cuidadores, verificou-se que 97,6% dos pais atribuem elevada importância à fé, mas apenas 42,5% estavam satisfeitos com a inclusão nas suas igrejas

(Carter *et al.*, 2016). Além disso, 32% das famílias mudaram de congregação devido à ausência de inclusão, e 55,8% evitaram levar os filhos à Igreja por falta de apoios.

Ao comparar estes dados com os do presente estudo, nota-se uma forte concordância: a exclusão não decorre apenas de barreiras físicas, mas de uma cultura de baixas expectativas e de ausência de práticas intencionais de convite. Carter (2022, 2023) propõe, nesse sentido, dez dimensões de pertença e de estar presente, ser convidado, ser bem-vindo, ser conhecido, ser aceito, ser apoiado, ser cuidado, ter amigos, ser necessário e ser amado, o que raramente se concretiza em simultâneo. Os resultados da presente investigação confirmam que, no contexto brasileiro, estas dimensões são ainda incipientes e desigualmente distribuídas.

Mais recentemente, em 2024, Carter acrescentou quinze dimensões da adoração acessível, sublinhando que a inclusão vai além do espaço físico e deve abranger fatores sensoriais, tecnológicos, litúrgicos e teológicos. O estudo atual confirma esta tese: ainda que exista esforço em eliminar barreiras arquitetônicas, persistem lacunas em dimensões como comunicação, apoios personalizados e atitudes inclusivas.

4.3 IMPLICAÇÕES PASTORAIS

Os resultados obtidos tornam possível afirmar que a inclusão nas paróquias católicas exige mais do que acessibilidade material: requer uma mudança cultural e pastoral. O Papa Francisco, no dia 29 de agosto de 2018, na *Audiência Geral*, recordou: “Pensai bem nisto: o que Deus quer é que ninguém esteja sozinho, ninguém seja indesejado, ninguém seja excluído”. Do mesmo modo, o Concílio Vaticano II sublinha que “a dignidade da pessoa humana deve ser respeitada e promovida com igual cuidado” (Gaudium et Spes, 1965, n.º 26).

A pastoral da inclusão deve, portanto, assumir três prioridades: a formação de agentes pastorais, e para isto será necessário capacitar líderes e voluntários para reconhecer dons e eliminar preconceitos; a criação de apoios personalizados que vão desde adaptações curriculares na catequese até suporte tecnológico e acessibilidade comunicacional; a promoção de pertença efetiva, e não apenas garantir presença nos

cultos, mas também facilitar participação em ministérios, grupos e atividades de liderança.

Enfim, a experiência paroquial só será plena quando cada pessoa com deficiência for reconhecida, nas palavras de Carter (2022), não apenas como “presente”, mas como alguém convidado, necessário e amado.

4.4 RESPOSTA ÀS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

A análise dos questionários permitiu responder de forma clara às três questões centrais desta investigação.

1. Barreiras atitudinais que excluem a participação ativa

As barreiras mais frequentes identificadas foram o paternalismo, a ausência de envolvimento ativo nas celebrações litúrgicas e a inexistência de uma cultura de pertença nas comunidades paroquiais. Dados preocupantes apontam, por exemplo, que 50% das pessoas com deficiência já deixaram de participar na missa por se sentirem excluídas. Como sublinha Campbell (2009), o capacitismo é “um sistema cultural, social e político que privilegia corpos e mentes considerados ‘normais’ e ‘capazes’, ao mesmo tempo em que marginaliza e desvaloriza as pessoas com deficiência” (pp. 4–5). Assim, a mudança de mentalidade surge como condição essencial para a inclusão.

2. Práticas que podem ser adotadas pelas comunidades eclesiais

As práticas mais eficazes identificadas, embora ainda pontuais, envolvem a formação de agentes pastorais, a adaptação de materiais litúrgicos, a presença de intérpretes de Língua Gestual e o estímulo à participação ativa das pessoas com deficiência em funções ministeriais ou de liderança. Um entrevistado com deficiência sublinhou: “Não é porque uma pessoa tem uma deficiência que ela é incapaz. Cada um tem algo a oferecer. Todos nós somos instrumentos nas mãos de Deus”. Esta perspectiva converge com as dimensões do pertencimento propostas por Carter (2022), nomeadamente: ser convidado, ser necessário e ser amado, que traduzem a experiência de inclusão real.

3. Caminho de inclusão efetiva para todos

Os dados mostram que, embora existam algumas iniciativas inclusivas, estas ainda não

são estruturadas nem generalizadas. A maioria das ações depende do empenho pessoal de líderes ou fiéis, e não de uma estratégia pastoral integrada. A ausência de formação específica sobre inclusão nos seminários e dioceses constitui uma lacuna significativa. A inclusão atitudinal é a chave que sustenta todas as outras formas de acessibilidade. Assim, o caminho para uma inclusão efetiva exige superar a visão assistencialista e adotar uma pastoral centrada na escuta, na empatia e na corresponsabilidade.

4.5 PROPOSTAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA IGREJA MAIS INCLUSIVA

Com base nos dados e na literatura analisada, apresentam-se algumas propostas para a construção de uma Igreja mais inclusiva:

- Formação contínua do clero e dos agentes pastorais em acessibilidade comunicacional, inclusão e direitos das pessoas com deficiência;
- Criação de grupos de acolhimento inclusivo em cada paróquia, com participação ativa de fiéis com deficiência;
- Adaptação dos espaços litúrgicos e das celebrações, com lugares acessíveis, intérpretes de Língua Gestual, folhetos em formatos acessíveis (Braille, áudio, leitura fácil);
- Revisão do conteúdo catequético, garantindo materiais acessíveis e métodos pedagógicos ajustados;
- Promoção da escuta ativa, convidando pessoas com deficiência a partilhar as suas experiências, propostas e dificuldades;
- Campanhas de sensibilização nas comunidades, para combater o preconceito e fomentar a empatia.

Para além das propostas acima, é importante analisar a realidade de cada paróquia e estudar de que modo a inclusão pode ser concretizada no quotidiano paroquial de cada uma. Nesse sentido, a literatura recente, especialmente os estudos de Carter (2022; 2024), propõem uma abordagem abrangente baseada em dimensões de pertença e de adoração acessível. Estas dimensões são pontos que permitem avaliar não apenas a presença física das pessoas com deficiência, mas também a qualidade da sua participação, a valorização dos seus dons e a experiência efetiva de pertença.

A Tabela Nº 15 é uma análise das quinze dimensões de inclusão de Carter e uma proposta com exemplos concretos de aplicação pastoral no contexto paroquial católico. Assim, a tabela constitui um guia para transformar princípios de inclusão em ações consistentes, permitindo às comunidades discernir áreas de melhoria e implementar estratégias pastorais eficazes.

Tabela 15 –

Proposta de aplicação das 15 dimensões de inclusão de Carter nas paróquias

Dimensões de Carter	Descrição das dimensões de inclusão de Carter	Propostas e exemplos de aplicação na pastoral paroquial católica
Posturas	A postura geral relativamente à flexibilidade e adaptabilidade nos serviços de culto.	Disponibilizar cadeiras adaptadas; espaços para cadeiras de rodas. Adaptação de gestos alternativos à genuflexão.
Comunicação	As formas como a informação é transmitida ou partilhada ao longo dos serviços de culto.	Uso de áudio de qualidade, projeção de textos, intérprete de Libras, legendagem em tempo real; aplicativos de Telemovel. Materiais em vários formatos
Sentido de comunidade	Ter uma ligação profunda, amizade e/ou sentimento de pertença dentro da comunidade de fé.	Organizar grupos de acolhimento e visitação; incentivar apresentação e integração de novos paroquianos .
Arquitetura	As características físicas e a disposição da igreja, bem como a facilidade de circulação no espaço do templo.	Rampas, corrimãos, pisos antiderrapantes, Sinalética, acesso ao presbitério para leitores e ministros com Deficiência.
Contributos	Oportunidades para partilhar dons ou servir os outros no contexto dos serviços de culto.	Incluir pessoas com deficiência como leitores, acolitos, ministros da comunhão, catequistas, músicos e membros de pastorias.

Atitudes	Perspetivas sobre a deficiência expressas em palavras ou ações.	Sensibilizar voluntários e líderes para evitar paternalismo e promover interações igualitárias. Formar grupos difusores e pessoas capazes de dar formação
Expectativas	Suposições ou regras implícitas sobre quais comportamentos são esperados, encorajados ou permitidos.	Garantir que pessoas com deficiência sejam convidadas a participar de todas as atividades, não só como espectadores.
Tecnologia	Conjunto de ferramentas, dispositivos e aplicações que podem permitir ou melhorar a participação.	Procurar aplicativos de telemóveis e tablets que possam ser inseridos na atividade paroquial. Missas, catequese reuniões e outros.
Apoios	Assistência individualizada que possibilita uma participação plena e significativa nos serviços de culto.	Voluntários designados para acompanhar fiéis com necessidades específicas; nas missas e catequese adaptada.
Interações	Trocas sociais e conversas que ocorrem antes, durante e após os serviços de culto.	Criação de pequenos grupos mistos (com e sem deficiência) para estudo bíblico, oração e pastorais.
Fatores sensoriais	Volume, iluminação, estímulos táteis ou texturais, temperatura e outros elementos sensoriais que impactam a participação.	Ajustar volume de microfones, reduzir estímulos visuais ou sonoros excessivos em certas missas.
Liturgia	Estrutura, sequência, atividades e previsibilidade dos serviços de culto.	Celebrações adaptadas (“missa acessível”) com linguagem simples, pausas adequadas e explicações breves.

Compreensão	Grau em que a pregação, leituras e outras informações são partilhadas de forma clara e compreensível.	Catequese inclusiva, homilias com recursos visuais, explicações prévias de ritos.
Teologia	Crenças religiosas relacionadas com a deficiência ou afirmações sobre como Deus vê a deficiência e as pessoas com deficiência.	Pregações e formações que reforcem a dignidade e vocação de todos; evitar visões exclusivamente assistencialistas ou milagristas.
Transporte	Grau em que as pessoas têm um meio fiável para se deslocarem de e para os serviços de culto.	Organização de caronas solidárias; articulação com transporte público acessível.

4.6 PERSPETIVAS FUTURAS DE INVESTIGAÇÃO

Embora o presente estudo tenha contribuído para iluminar aspetos centrais da inclusão paroquial, é necessário aprofundar a investigação em três direções principais: desenvolver estudos longitudinais que permitam avaliar transformações nas práticas pastorais após iniciativas inclusivas; desenvolver investigações comparativas entre diferentes países e tradições religiosas, de modo a identificar boas práticas transferíveis; criar abordagens interdisciplinares que integrem teologia pastoral, sociologia e educação inclusiva, contribuindo para modelos mais robustos de pastoral da deficiência.

4.7 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Este estudo apresenta algumas limitações que precisam ser consideradas na interpretação dos resultados. Em primeiro lugar, o número relativamente reduzido de participantes limita a possibilidade de generalização ampla dos achados. Ainda assim, os dados obtidos permitem fundamentar de forma sólida as reflexões e propostas apresentadas.

Além disso, registaram-se restrições na recolha das respostas, relacionadas com fatores culturais e com a natureza dos canais de divulgação.

No Brasil, o medo generalizado de fraudes e roubos virtuais pode ter contribuído para que muitas pessoas evitassem aceder aos links partilhados via WhatsApp, sendo necessário, em alguns casos, confirmar pessoalmente a autenticidade da mensagem.

As postagens realizadas no Facebook e Instagram tiveram baixo alcance e retorno pouco significativo.

Os e-mails enviados a pastorais e associações não obtiveram resposta. Em algumas ONGs, após contacto telefónico, foi informado que não poderiam participar devido ao facto de o tema estar diretamente relacionado com a religião.

Estas limitações revelam não apenas obstáculos metodológicos, mas também barreiras culturais e institucionais que dificultam a recolha de dados em investigações sobre inclusão eclesial, confirmando a necessidade de desenvolver estratégias de investigação mais próximas e dialógicas com as comunidades locais.

4.8 CONSIDERAÇÃO FINAL

Este estudo permitiu aprofundar o entendimento sobre a inclusão de pessoas com deficiência nas paróquias católicas, trazendo à luz tanto os avanços quanto os desafios que existem. O percurso deste trabalho revelou que, embora exista uma consciência crescente acerca da importância da acessibilidade, a participação efetiva e plena ainda não é realidade na maioria das comunidades. A análise empírica, juntamente com as comparações em relação à literatura especializada, confirmam que a inclusão atitudinal constitui um alicerce sem o qual todas as outras formas de acessibilidade permanecem insuficientes.

De facto, rampas, tecnologias assistivas e materiais pedagógicos acessíveis são medidas indispensáveis; contudo, sem uma mudança cultural que valorize a presença e os dons das pessoas com deficiência, tais iniciativas tornam-se superficiais. Este estudo, em consonância com Carter (2022, 2023), demonstra que a pertença só se realiza quando a comunidade oferece mais do que acolhimento formal, e que o mais importante é criar vínculos, favorecer amizades, abrir espaço para contributos ativos e cultivar uma espiritualidade que reconheça cada paroquiano como indispensável.

As conclusões apontam para uma contradição significativa, pois a maioria das pessoas com deficiência está presente nos cultos dominicais, mas a sua participação em papéis de liderança, grupos de catequese ou ministérios permanece marginal. Esta realidade, constatada tanto nos dados brasileiros (75% dos inquiridos com deficiência afirmaram nunca participar na catequese) quanto em investigações nos Estados Unidos (Carter *et al.*, 2016; Carter, 2023), confirma a persistência de barreiras que não são apenas físicas, mas sobretudo relacionais e culturais.

Do ponto de vista teológico-pastoral, esta exclusão velada descorda do magistério da Igreja Católica. O Concílio Vaticano II proclamou de forma inequívoca a centralidade da dignidade humana. Uma das citações mais centrais sobre a dignidade humana na *Gaudium et Spes* (1965) é que "a dignidade do homem nasce do facto de ter sido criado por Deus à sua imagem e semelhança", e que "o homem é a única criatura na terra que Deus amou por si mesma" (ponto 24, parágrafo 3), e o Papa Francisco tem insistido que a Igreja deve ser "uma casa para todos, onde ninguém se sinta excluído" (Francisco, 2018). Assim sendo, negar oportunidades de participação ativa às pessoas com deficiência significa contradizer a própria identidade da Igreja como sacramento universal de salvação.

Assim, pode-se dizer que a inclusão de pessoas com deficiência não é um acréscimo das prioridades paroquiais, mas parte integrante da missão evangelizadora da Igreja. Uma pastoral inclusiva não pode ser entendida como mera estratégia organizacional; é antes uma exigência evangélica, um testemunho concreto de Cristo que acolhe a todos. Cabe às comunidades paroquiais investir em formação, transformar atitudes e eliminar barreiras para que cada pessoa seja reconhecida não como um destinatário passivo, mas como protagonista indispensável na construção da comunidade.

Por fim, esta dissertação confirma que o caminho da inclusão é, em última instância, um caminho de "conversão" pastoral. Converter-se significa passar de uma lógica de assistência para uma lógica de pertença; de ver a deficiência como limite para a perceber como dom; de excluir ou tolerar para reconhecer e celebrar. Quando a comunidade abraça este processo, cumpre em plenitude a sua vocação de ser sinal do Reino, tornando-se verdadeiramente uma casa onde ninguém se sente excluído.

4.9 CONCLUSÃO EM PLENITUDE: O MANUAL COMO FRUTO DE INVESTIGAÇÃO

Este estudo de investigação teve como objetivo compreender e analisar a inclusão das pessoas com deficiência nas paróquias católicas brasileiras, a partir da percepção de diferentes atores e à luz da literatura especializada. O percurso metodológico e analítico permitiu identificar barreiras persistentes, sejam elas arquitetônicas, comunicacionais, e sobretudo atitudinais, bem como reconhecer iniciativas promissoras que evidenciam o potencial das comunidades para se tornarem espaços efetivamente inclusivos.

Um dos contributos mais significativos deste estudo foi a constatação de que a inclusão atitudinal constitui a dimensão fundamental que sustenta todas as demais formas de acessibilidade. O que se revela determinante é a mudança cultural e comunitária que reconhece a dignidade, os dons e o direito de participação das pessoas com deficiência como sujeitos plenos da vida eclesial.

Como fruto desta investigação, elaborou-se o manual **“Igreja que abraça: inclusão como caminho de evangelização”**. Este documento não deve ser entendido como mera extensão do trabalho acadêmico, mas como produto aplicado da pesquisa realizada. Estruturado a partir dos resultados dos questionários e nas análises das referências teóricas, nomeadamente as dimensões de pertença (Carter, 2022) e de adoração acessível (Carter, 2024), o manual apresenta orientações práticas para a implementação de uma pastoral inclusiva. A sua finalidade é oferecer às paróquias um conjunto de instrumentos que permitam traduzir em práticas concretas as recomendações resultantes deste estudo.

Do ponto de vista acadêmico, o manual representa a operacionalização de conceitos-chave trabalhados ao longo da investigação, demonstrando como a produção científica pode ter impacto direto na vida comunitária. A sua elaboração traduz-se, assim, numa transferência de conhecimento entre a esfera universitária e a prática pastoral,

respondendo a uma lacuna identificada na literatura: a escassez de materiais sistematizados que orientem comunidades religiosas na promoção da inclusão.

Deste modo, a plenitude deste trabalho encontra-se não apenas na produção da dissertação, mas sobretudo na possibilidade de transformação que ela inaugura. O manual, enquanto fruto aplicado da investigação, constitui um recurso que articula teoria e prática, podendo contribuir para a formação de agentes pastorais, para a revisão de estruturas paroquiais e para o desenvolvimento de estratégias de inclusão sustentadas em evidência empírica.

Conclui-se, portanto, que este estudo não se limita a oferecer uma análise crítica da realidade, mas propõe práticas para a sua transformação. O contributo central da investigação reside precisamente nesta dupla dimensão: por um lado, o aprofundamento teórico da temática da inclusão religiosa; por outro, a elaboração de um instrumento prático que projeta a investigação para além do espaço académico, colocando-a ao serviço da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albarracin, D., & Shavitt, S. (2018). Attitudes and attitude change. *Annual Review of Psychology*, 69, 299–327. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-122216-011911>
- Alberich, E. (2008). *Pastoral catequética: Teoria e prática*. Paulus.
- Allport, G. W. (1935). Attitudes. In C. Murchison (Ed.), *Handbook of Social Psychology* (pp. 798–844). <https://pt.scribd.com/document/333120405/Allport-G-W-1935-Attitudes-in-Handbook-of-Social-Psychology-C-Murchison-798-844>
- Ajzen, I. (2005). *Attitudes, personality, and behavior* (2nd ed.). Maidenhead: Open University Press.
- Amado, A. N., Boice, C., Degrande, M., & Hutcheson, S. (2021). BeFriends: Impact of a Social Ministry Program on Relationships for Individuals with Intellectual/Developmental Disabilities (I/DD). *Journal of Disability & Religion*, 27, 1–26. <https://doi.org/10.1080/15228967.2013.752926>
- Amaral, L. A. (1994). *Pensar a Diferença/Deficiência*. Brasília: Coordenadoria para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.
- American Psychological Association. (2020). *Publication manual of the American Psychological Association* (7th ed.). Washington, DC: Author.
- Annandale, N. H., Boehm, T. L., Carter, E. W., & Taylor, C. E. (2015). Supporting congregational inclusion for children and youth with disabilities and their families. *Exceptional Children*, 82(1), 65–80. <https://doi.org/10.1177/0014402915598773>
- August, M. E. M., & Souza, R. P. S. (2019). Pessoas com deficiência física: Uma teologia bíblica de inclusão. *Revista Cognito*, 1(1). <https://www.revista.fidelis.edu.br/index.php/cognito/article/view/18>
- Ault, M. J., Becker, C., Carter, E. W., Stewart-Ginsburg, J. H., & Tanner, A. (2024). A preliminary national survey of accessible features of churches in the United States. *Review of Religious Research*. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0034673X241268649>
- Ault, M. J., Carter, E. W., & Collins, B. C. (2013). Factors associated with participation in faith communities for individuals with developmental disabilities and their families. *Journal of Religion, Disability & Health*, 17(2), 184–211. <https://doi.org/10.1080/15228967.2013.781777>

- Ault, M. J., Carter, E. W., & Collins, B. C. (2013). Congregational participation and supports for children and adults with disabilities: Parent perceptions. *Intellectual and Developmental Disabilities, 51*(1), 48–61. <https://doi.org/10.1352/1934-9556-51.01.048>
- Ault, M. J., Collins, B. C., Leahy, M. M., Miller, V., & Slocum, V. (2021). Perceptions of faith leaders on the inclusion and participation of individuals with disabilities in their communities. *Journal of Disability & Religion, 27*, 138–159. <https://doi.org/10.1080/23312521.2021.1932691>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (Edição revista e ampliada). Lisboa: Edições 70.
- Bernardino, J. L. F., Moreira, M. V., & Rodrigues, M. (2022). Barreiras atitudinais: A exclusão que limita a acessibilidade de pessoas com deficiência. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 17*(2). <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15058>
- Bornman, J. N., & Panther, G. M. M. (2021). The perceptions of persons with disabilities, primary caregivers and church leaders regarding barriers and facilitators to participation in a Methodist congregation. *Journal of Religion, Disability & Health, 27*(1), 39–85. <https://doi.org/10.1080/23312521.2020.1859040>
- Bragagnolo, F. (2014). Atitude natural e atitude fenomenológica: A relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo. *Intuitio, 7*(2), 73–88. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/intuitio/article/view/17312>
- Brakemeier, G. (2004). *Igreja e comunidade: Perspectivas teológicas e pastorais*.
- Brasil. (2000). *Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10098&ano=2000&ato=f76MzYU1EMNpWTb22>
- Bryman, A. (2016). *Social research methods* (5th ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Buber, M. (1979). *Eu e Tu*. Moraes Editores.
- Bueno, V. F., Cantorani, J. R. H., Pedroso, B., Pinto, G. M. C., Stadler, C. F., & Wanderbist, V. K. (2022). Avaliação do impacto da deficiência na qualidade de vida de pessoas com deficiência visual. *Revista Brasileira de Qualidade de Vida, 14*. <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbqv/article/view/13765>
- Bumble, J. L., Carter, E. W., Curcio, M. P., & Griffin, B. (2017). Community conversations on faith and disability: Identifying new practices, postures, and partners for congregations. *Pastoral Psychology, 66*, 575–594. <https://link.springer.com/article/10.1007/s11089-017-0770-4>

Carletti, R., & Clara, J. S. (2022). Imagination in psychology: Some steps of execution, by Gordon W. Allport. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 11(1), 1–17. https://www.researchgate.net/publication/367709998_Imaginacao_em_psicologia_Alguns_passos_necessarios_de_Gordon_W_Allport

Carter, E. W. (2022). Research on disability and congregational inclusion: What we know and where we might go. *Journal of Disability & Religion*, 27, 179–209. <https://doi.org/10.1080/23312521.2022.2035297>

Carter, E. W., Ault, M. J., & Collins, M. J. (2013). Congregational participation and supports for children and adults with disabilities: Parental perceptions. *Intellectual and Developmental Disabilities*, 51(6), 423–435. <https://doi.org/10.1352/1934-9556-51.6.423>

Carter, E. W., Brock, M. E., & Trainor, A. A. (2017). Community conversations: Engaging congregations in inclusive practices for people with disabilities. *Journal of Disability Policy Studies*, 28(2), 67–78. <https://doi.org/10.1177/1044207316686574>

Carter, E. W., Jones, T. B., Ling, C., Spann, E., & Tuttle, M. (2022). From barriers to belonging for people with disabilities: Promising pathways toward inclusive ministry. *Journal of Religion and Health*, 62, 2474–2495. <https://link.springer.com/article/10.1007/s10943-022-01508-6>

Carter, E. W., Jones, T. B., Ling, C., Spann, E., & Tuttle, M. (2023). Toward accessible worship: The experiences and insights of Christians with disabilities. *Journal of Disability & Religion*. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23312521.2023.2197435>

Censo, IBGE (2022). *Censo Demográfico 2022*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>

Cherry, K. (2024). The components of attitude: Formation of an attitude and how it can be changed. *Verywell Mind*. <https://www.verywellmind.com/attitudes-how-they-form-change-shape-behavior-2795897>

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (2006). *Levanta-te e vem para o meio – Campanha da Fraternidade*. <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade2006>

Darke, B. (2015). *Deficientes: O desafio da inclusão na igreja* (Trad. J. C. Siqueira). São Paulo: Hagnos.

- Dias, P., Sousa, J., Gonçalves, M., Flores, P., & Diáz, P. J. (2016). Atitudes dos pares sobre a inclusão: Contributos da adaptação de um instrumento. *Psicologia*, 30(2), 95–106. <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/1099>
- Dillman, D. A., Smyth, J. D., & Christian, L. M. (2014). *Internet, phone, mail, and mixed-mode surveys: The tailored design method* (4th ed.). Hoboken, NJ: Wiley.
- Dutra, L. C. (2005). *Pastoral da inclusão: Pessoas com deficiência na comunidade cristã*. São Paulo: Loyola.
- Eagly, A. H., & Chaiken, S. (1993). *The psychology of attitudes*. Harcourt Brace Jovanovich College Publishers.
- Eigenbrood, R., & Larocque, M. (2024). Community access: A survey of congregational accessibility for people with disabilities. *Journal of Religion, Disability & Health*, 9(1), 55–66. https://doi.org/10.1300/J095v09n01_04
- Figueira, E. (2015). *Teologia da inclusão: A trajetória das pessoas com deficiência na história do Cristianismo*. São Paulo: Figueira Digital.
- Figueira, E. (2023). *Psicanálise e pessoas com deficiência – Bases teóricas às intervenções clínicas e na sociedade inclusiva*. São Paulo: Figueira Digital. https://drive.google.com/file/d/1UYvGOBceiVFnChM01icF3E-8dIHnpei_/view
- Figueira, E. (2023). *Introdução geral à educação inclusiva* (2a ed., rev. e ampl.). São Paulo: Figueira Digital/Agbook. <https://drive.google.com/file/d/1VKQFEpGngCLvP-jSEiYqx64bPYUiFxFwq/view>
- Figueira, E. (2023). *As pessoas com deficiência ao longo do Cristianismo: Bases históricas para uma teologia da inclusão*. São Paulo: Figueira Digital. <https://www.emiliofigueira.com.br/2023/11/as-pessoas-com-deficiencia-ao-longo-do.html>
- Flick, U. (2018). *An introduction to qualitative research* (6th ed.). London: Sage Publications.
- Francisco. (2013). *Evangelii Gaudium*. Vaticano.
- Francisco. (2018, 10 de maio). Visita Pastoral a Loppiano: Encontro com os membros da Comunidade do Movimento dos Focolares. Vaticano. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/may/documents/papa-francesco_20180510_visita-loppiano-focolari.html
- Francisco. (2020). *Fratelli Tutti: Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*. Vaticano.

Francisco. (2021). *Mensagem do Papa Francisco para o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.

Francisco. (2020, 3 de dezembro). Mensagem do Papa Francisco para o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência. Vaticano.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201203_messaggio-disabilita.html

Frankl, V. E. (2019). *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. Vozes.

Franco, L. V. A. S., Madeira, A. S. P., Melo, A. S. Q., Oliveira, S. N. S., & Vanzella, E. (2024). Comunicação inclusiva e acessibilidade para o turista estrangeiro no Centro Histórico de João Pessoa. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 12(1), 148–169.

<https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/34131>

Freitas, M. C., Benitez, P., & Postalli, L. M. M. (2022). Contribuições da análise do comportamento para a inclusão educacional brasileira. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(1), 197–212. <https://doi.org/10.18761/DH010.jul21>

Hodge, D. R., & Reynolds, C. (2020). Espiritualidade entre pessoas com deficiência: Um estudo representativo a nível nacional de perfis espirituais e religiosos. *Revista Sophia*, 104. <https://www.emiliofigueira.com.br/2023/07/revista-sophia-espiritualidade-e.html>

Hora, D. (2024). Atitude: Um conceito teórico, um conceito de vida. *Revista do GELNE*, 14(1/2). <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9378>

Igreja Católica. (2000). *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

Imrie, R., & Hall, P. (2001). *Inclusive design: Designing and developing accessible environments*. London: Spon Press.

Israel, M., & Hay, I. (2006). *Research ethics for social scientists*. London: Sage Publications.

Kemp, H. V. (1950). Gordon Allport's *The individual and his religion: A psychological interpretation*. https://www.researchgate.net/profile/Hendrika-Vande-Kemp-2/publication/272791276_Gordon_Allport's_The_Individual_And_His_Religion_A_Psychological_Interpretation_An_Essay_Review/links/54ee850f0cf25238f93a8a62/Gordon-Allports-The-Individual-And-His-Religion-A-Psychological-Interpretation-An-Essay-Review.pdf

Koenig, H. G. (2012). *Spirituality and health research: Methods, measurement, statistics, and resources*. Templeton Press.

- Küng, H. (1998). *A Igreja: Mantém-se de pé?* Paulus.
- Lipiec, D. (2019). People with disabilities as a gift and a challenge for the church. *HTS Theological Studies*, 75(4).
https://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0259-94222019000400125
- Lima, T. J. S., Souza, L. E. C., & Modesto, J. G. (2023). Atitudes. In *Psicologia social: temas e teorias* (pp. 171–202). São Paulo: Blucher.
<https://openaccess.blucher.com.br/article-details/04-23863>
- Lobo, L. F. (2008). *Os infantes da história: Pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Meneghetti, R. G. K. (2010). Educação e espiritualidade: Pessoas com deficiência, sua invisibilidade e emergência. *Revista Caminho*, 15(2), 238–239.
https://www.researchgate.net/publication/49587642_Educacao_e_espiritualidade_pe_ssoas_com_deficiencia_sua_invisibilidade_e_emergencia_resenha
- Miles, M. B., Huberman, A. M., & Saldaña, J. (2014). *Qualitative data analysis: A methods sourcebook* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Oktyabrina, C., Olga, P., & Valeriy, B. (2022). The level of accessibility of inclusive design of Christian temples and churches in Ukraine. *Occasional Papers on Religion in Eastern Europe*, 42(3), Article 5.
<https://digitalcommons.georgefox.edu/ree/vol42/iss3/5>
- Oliver, M. (1996). *Understanding disability: From theory to practice*. London: Macmillan.
- Oliver, M. (1996). Defining impairment and disability: Issues at stake. In C. Barnes & G. Mercer (Eds.), *Exploring the divide: Illness and disability* (pp. 29–54). Leeds: The Disability Press.
- Oliver, M., & Barnes, C. (2010). Disability studies, disabled people and the struggle for inclusion. *British Journal of Sociology of Education*, 31(5), 547–560.
<https://doi.org/10.1080/01425692.2010.500088>
- Organização Mundial da Saúde. (1998). *Health promotion glossary*. Geneva: WHO.
- Organização Mundial da Saúde. (2021). *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF)*. OMS.
- Panno, G., & Panosso, A. (2010). Turismo e acessibilidade na cidade de São Paulo: Teoria à prática. *Itinerarium*, 3, 121.
<https://seer.unirio.br/itinerarium/article/view/1265>

- Pereira, J. A., & Saraiva, J. M. (2017). Trajetória histórico-social da população deficiente: Da exclusão à inclusão social. *SER Social*, 19(40), 168–185.
https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/14677
- Pessotti, I. (1984). *Deficiência mental: Da superstição à ciência*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP.
- Porto Editora. (2024, novembro 24). Atitude. In *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa* [online]. Porto: Porto Editora.
<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/atitude>
- Ranauro, H., & Limeira de Sá, N. R. (1999). *O discurso bíblico sobre a deficiência*. Niterói: Muiraquiã.
- Renders, E. C. C. (2006). As pessoas com deficiência nos discursos e espaços eclesiais. *Revista Caminhando*, 18, 141–150.
https://www.academia.edu/19889532/COSTA_RENDERS_Elizabete_Cristina_As_pessoas_com_defici%C3%Aancia_nos_discursos_e_espa%C3%A7os_eclesiais_Caminhando_S%C3%A3o_Bernardo_do_Campo_v_18_p_141_150_2006
- Renders, E. C. C. (2009). *Educação e espiritualidade, pessoas com deficiência, sua invisibilidade e emergência*. São Paulo: Paulus Editora.
- Renders, E. C. C. (2011). Inclusão de pessoas com deficiência: A responsabilidade social das igrejas. *Revista Caminhando*, 16(2), 65–76.
https://www.researchgate.net/publication/276384447_Inclusao_de_Pessoas_com_De_ficiencia_A_Responsabilidade_Social_das_Igrejas
- Rodrigues, J. E. (2020). Teologia e direitos humanos: A pessoa com deficiência e as inclusões políticas sociais na Igreja Católica. *Reveleto*, 14(26).
<https://revistas.pucsp.br/reveleto/article/view/50623>
- Santos, C. F. (2020). A experiência de pessoas com deficiência em comunidades cristãs: Entre a invisibilidade e a inclusão. *Revista Pistis & Praxis*, 12(2), 275–298.
<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/27547>
- Santos, J. V. F., & Barbosa, M. A. C. (2016). Religião e pessoas com deficiência: Um olhar sobre a inclusão. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 22(4), 635–650.
<https://doi.org/10.1590/S1413-65382216000400008>
- Sasaki, R. K. (1997). *Inclusão: Construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA.
- Saviani, D. (2019). *Escola e democracia*. Campinas: Autores Associados.

- Silva, A. M. R., & Almeida, M. A. (2016). Religião e deficiência: Percepção de líderes religiosos sobre a inclusão. *Revista Educação Especial*, 29(54), 141–154. <https://doi.org/10.5902/1984686X15262>
- Silva, E. L. da, & Menezes, E. M. (2005). Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação (4. ed.). Florianópolis: UFSC
- Silva, T. T. (2010). *Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Souza, M. L., & Oliveira, M. L. (2017). Práticas pastorais inclusivas em comunidades católicas. *Revista Eclesiástica Brasileira*, 77(307), 755–782.
- Stiker, H. J. (1999). *A history of disability*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Tomalin, E. (2018). Religions, poverty reduction and global development institutions. *Palgrave Communications*, 4, 122. <https://doi.org/10.1057/s41599-018-0189-y>
- United Nations. (2006). *Convention on the Rights of Persons with Disabilities (CRPD)*. New York: UN. <https://www.un.org/disabilities/documents/convention/convoptprot-e.pdf>
- Vaticano. (1965). *Gaudium et Spes: Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje*. Concílio Vaticano II.
- Vaticano. (1975). *Evangelii Nuntiandi: Exortação Apostólica de Paulo VI*.
- Vaticano. (1992). *Catecismo da Igreja Católica*. Libreria Editrice Vaticana.
- Vaticano. (2004). *Carta Apostólica Mane Nobiscum Domine de João Paulo II*. Libreria Editrice Vaticana.
- Vieira, L. A. (2018). Pastoral inclusiva: O lugar das pessoas com deficiência na Igreja Católica. *Revista Caminhando*, 23(1), 145–161. <https://doi.org/10.15603/2176-3828/caminhando.v23n1p145-161>

ANEXOS

ANEXO 1 – *QUESTIONÁRIO NO GOOGLE FORMS – ACESSIBILIDADE NA IGREJA CATÓLICA PARA O PÚBLICO FORMADO POR PAROQUIANOS COM DEFICIÊNCIA*

Acessibilidade na Igreja Católica

Este questionário integra a pesquisa conduzida por Cynthia Santos, aluna do Mestrado em Comunicação Acessível do Instituto Politécnico de Leiria, em Portugal.

A investigação tem como foco principal a análise da inclusão na vida paroquial. A sua participação é essencial e contribuirá significativamente para os resultados do estudo. O questionário é anônimo, e solicitamos que as respostas sejam dadas com sinceridade. Para cada pergunta, selecione a alternativa que melhor representa a sua opinião. Todas as informações serão tratadas com total confidencialidade.

Ao final, caso deseje participar da segunda fase da pesquisa — composta por entrevistas —, pedimos que informe seu nome e contato.

Se tiver dúvidas ou dificuldades ao preencher o questionário, não hesite em entrar em contato conosco pelo e-mail: Email: mestradocynthiasantos@gmail.com

Desde já, agradeço imensamente a sua participação.

1- Paróquia / Cidade / Estado:

2- Sexo * *Marcar apenas uma*

() Feminino

() Masculino

3- Idade (colocar em número)

4- Tipo de deficiência? * Marcar apenas uma

- Não
- Auditiva
- Intelectual
- Motora
- Visual
- Outra: _____

5- Grau de instrução * Marcar apenas uma

- 1º Grau
- 2º grau
- Licenciatura / Bacharelado
- Mestrado
- Doutorado

6- Qual a sua participação paroquial?

Marcar apenas uma por linha.

	Nunca participo	Participo esporadicamente	Com alguma Assiduidade	Participo sempre
Missas dominicais				
Missas diárias				
Pastorais				
Grupo de oração				
Catequese				

7- Quando vai a Igreja

Marcar apenas uma.

- Vou sozinho (a)
- Vou com amigo (a)
- Vou com familiares
- Vou com um cuidador (a)
- Outra: _____

8- Quanto a Inclusão na paróquia:

Marcar apenas uma.

- A inclusão é total, participo sem barreiras.
- A inclusão é parcial, participo com algumas dificuldades.
- A inclusão é pouca, participo com muitas dificuldades.
- Não há inclusão: _____

9- Classifique as barreiras á inclusão na sua Paróquia

	Nenhuma	Pequena	Média	Grande
Atitudinais				
Arquitetónicas				
Comunicacionais				

10- Classifique as atitudes em relação às pessoas com deficiência na Paróquia.

Marcar apenas uma por linha.

	Péssima	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
Falta de empatia.					
Subestimação de capacidades.					
Superproteção					
Receio de interação.					
Capacitismo					
Afastamento					
Falta de acolhimento.					
Falta de compreensão					
Falta de consciência dos direitos das pessoas com deficiência.					

11- Quais as atitudes mais te incomodam na vivencia paroquial?

12- Em relação à comunicação no altar durante a Missa

Marcar apenas uma por linha.

	Péssima	Ruim	Regular	Bom	Excelente
Interpretação em Libras.					
Qualidade do áudio.					
Visibilidade do altar.					
Receio de interação.					
Linguagem simplificada.					
Áudio descrição					

13-Como considera a catequese na sua Paróquia?

Marcar apenas uma por linha.

	Nenhuma	Regular	Bom	Ótimo
Catequese inclusiva				
Catequese em Libras.				
Catequese com material em Braille.				
Catequese com livros em formatos acessíveis.				
Catequese com apoio parental.				

14- Na sua opinião, seria necessário haver missas exclusivas para pessoas com deficiência?

** Marcar apenas uma*

- () Sim, para garantir a plena acessibilidade e participação.
- () Não, as missas devem ser inclusivas para todos, sem distinção
- () Outra: _____

15- Como se sente em relação ao uso de “ajuda” não solicitada.

** Marcar apenas uma*

- () Sinto que a ajuda é bem-vinda quando me é questionado anteriormente
- () A atitude de ajudar deve ser oferecida apenas quando solicitada.
- () considero uma invasão de privacidade um desrespeito
- () Outra: _____

16- Sobre participação paroquial

Marcar apenas uma por linha.

	SIM	NÃO
Já deixou de participar da missa por se sentir excluído		
Já lhe perguntaram como melhorar sua na Paróquia?		
Já foi convidado para participar de pastorais?		
Já foi impedido de participar de alguma atividade na Paróquia?		
Acredita que tens as mesmas oportunidades que os demais, de participação nas atividades paroquiais?		
Acredita que os membros da paróquia possuem conhecimentos sobre como incluir uma pessoa com deficiência?		

17- Participa ou gostaria de participar de algum serviço nas celebrações das Missas?

Marcar apenas uma por linha.

	Não Gostaria de participar	Gostaria de participar	Já participo
Acólitos			
Leitores			
Ministro de Música			
Ministro da Eucaristia			
Pastoral da Acolhida			

18- Na Vida Comunitária dentro da paróquia:

Marcar apenas uma por linha.

	SIM	NÃO
Entro e saio da Igreja sem conversar com ninguém.		
Conheço várias pessoas na Paróquia e converso		

com elas.		
já foi convidado para participar de pastorais?		
Conheço várias pessoas na Paróquia e convivo com várias delas fora da Igreja.		

2- Deixe aqui a sua opinião de como ajudar a inclusão das pessoas com deficiência na paróquia

22- Aceita fazer parte da segunda etapa desta investigação

() Sim

() Não

Se a resposta acima for sim, deixe aqui o seu nome, e-mail e telefone de contato

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO NO GOOGLE FORMS – ACESSIBILIDADE NA IGREJA CATÓLICA PARA O PÚBLICO FORMADO POR SACERDOTES E PÁROCOS

Acessibilidade na Igreja Católica

Este questionário integra a pesquisa conduzida por Cynthia Santos, aluna do Mestrado em Comunicação Acessível do Instituto Politécnico de Leiria, em Portugal.

A investigação tem como foco principal a análise da inclusão na vida paroquial. A sua participação é essencial e contribuirá significativamente para os resultados do estudo. O questionário é anónimo, e solicitamos que as respostas sejam dadas com sinceridade. Para cada pergunta, selecione a alternativa que melhor representa a sua opinião. Todas as informações serão tratadas com total confidencialidade.

Ao final, caso deseje participar da segunda fase da pesquisa — composta por entrevistas —, pedimos que informe seu nome e contato.

Se tiver dúvidas ou dificuldades ao preencher o questionário, não hesite em entrar em contato conosco pelo e-mail: Email: mestradocynthiasantos@gmail.com

Desde já, agradeço imensamente a sua participação.

1- Paróquia e Arquidiocese:

2- População média de paroquianos. (resposta em Número)

3- Hierarquia no clero * Marcar apenas uma

- () Seminarista
- () Diácono
- () Diácono Permanente
- () Sacerdote
- () Bispo

4- Idade (colocar em número)

5- És uma pessoa com deficiência? * Marcar apenas uma

- () Não
- () Auditiva
- () Intelectual
- () Motora
- () Visual
- () Outra: _____

6- Grau de instrução * Marcar apenas uma

- () Licenciatura / Bacharelado
- () Mestrado
- () Doutorado
- () Outra: _____

7- Qual é a participação de pessoas com deficiência em sua paróquia?

Marcar apenas uma por linha.

	Nenhuma	Menos que 10	Muitos
Pessoas com deficiência auditiva (surdos ou de baixa audição).			
Pessoas com deficiência intelectuais.			
Pessoas com deficiência motora (Dificuldades de Locomoção ou usuários de muletas, e cadeiras de rodas).			
Pessoas com deficiência visual (Cegos ou de Baixa Visão)			
Pessoas com deficiência físicas.			
Outros tipos de deficiência.			

8- Tem alguma relação com pessoas com deficiência?

Marcar apenas uma.

- () Não tenho nenhuma relação
- () Tenho amigo (s)
- () Tenho familiares
- () Sou cuidador (a)
- () Outra: _____

9- Como você define a inclusão das pessoas com deficiência na paróquia?

Marcar apenas uma.

- () A inclusão é total, com participação ativa e sem barreiras.
- () A inclusão é parcial, com algumas dificuldades ainda existentes.
- () A inclusão é pouca, com muitas dificuldades para a participação.
- () Outra: _____

10- Classifique as barreiras á inclusão na sua Paróquia:

	Nenhuma	Pequena	Média	Grande
Atitudinais				
Arquitetónicas				
Comunicacionais				

11- Na sua paróquia existem

Marcar apenas uma por linha.

	SIM	NÃO
Espaços reservados para pessoas com deficiência		
Interpretes de Libras.		
Materiais em Braile e textos em letras grandes.		
Pessoas com deficiência visual (Cegos ou de Baixa Visão)		
Telão com textos e legendas.		
Aplicativos de acessibilidade.		
Áudio - descrição		
Pastoral da pessoa com deficiência		

12- Classifique as atitudes em relação às pessoas com deficiência na Paróquia.

Marcar apenas uma por linha.

	Péssima	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
Falta de empatia.					
Subestimação de capacidades.					
Superproteção					
Receio de interação.					
Capacitismo					
Afastamento					
Falta de acolhimento.					
Falta de compreensão					
Falta de consciência dos direitos das pessoas com deficiência.					

13- Quais as atitudes mais te incomodam na vivencia paroquial em relação a inclusão das pessoas com deficiência?

14- Em relação à comunicação no altar durante a Missa

Marcar apenas uma por linha.

	Péssima	Ruim	Regular	Bom	Excelente

Interpretação em Libras.					
Qualidade do áudio.					
Visibilidade do altar.					
Receio de interação.					
Linguagem simplificada.					

15-Como considera a catequese na sua Paróquia?

Marcar apenas uma por linha.

	Nenhuma	Regular	Bom	Ótimo
Catequese inclusiva				
Catequese em Libras.				
Catequese com material em Braille.				
Catequese com livros em formatos acessíveis.				
Catequese com apoio parental.				

16- Na sua opinião, seria necessário haver missas exclusivas para pessoas com deficiência?

** Marcar apenas uma*

- () Sim, para garantir a plena acessibilidade e participação.
 () Não, as missas devem ser inclusivas para todos, sem distinção
 () Outra: _____

17- Quando uma pessoa com deficiência entra na Igreja, você:

** Marcar apenas uma*

- () Procuo ajudar imediatamente.
 () Procuo ajudar, mas pergunto se precisa de ajuda e como posso fazer.
 () Não me aproximo, pois não sei como interagir com a pessoa.
 () Não ajudo, pois, a pessoa com deficiência já sabe lidar com as suas limitações

18- Sobre participação de pessoas com deficiência na sua paróquia.

Marcar apenas uma por linha.

	SIM	NÃO
Conhece alguma pessoa com deficiência que deixou de participar da missa por se sentir excluído		
Já houve algum estudo ou questionamento para melhorar a inclusão das pessoas com deficiência na Paróquia?		
Pessoas com deficiência já foram convidadas a participar de pastorais?		
Conhece alguma pessoa com deficiência que foi impedido de participar de alguma atividade na Paróquia?		
Acredita que as pessoas com deficiência têm as		

mesmas oportunidades que os demais, de participação nas atividades paroquiais?		
Acredita que os membros da paróquia possuem conhecimentos sobre como incluir uma pessoa com deficiência?		

19- Tem alguma pessoa com deficiência a prestar serviço nas celebrações eucarísticas?

Marcar apenas uma por linha.

	SIM	NÃO
Acólitos		
Leitores		
Ministro de Música		
Ministro da Eucaristia		
Pastoral da Acolhida		
Pastoral do Dízimo		

20 - Escolha uma resposta para cada tema

Marcar apenas uma por linha.

	Fico incomodado	É indiferente	Não me incomodo	Não Tenho opinião
A presença de intérpretes de libras no lado do altar				
Catequese em Libras.				
A participação gestual de membros da assembleia nas celebrações				
Presença de cão guia a acompanhar um cego dentro da Igreja.				
Agitação de pessoas com deficiência dentro da Igreja.				
Crianças com deficiência inquietas dentro da Igreja sem o controle dos pais.				

21- Deixe aqui a sua opinião de como ajudar a inclusão das pessoas com deficiência na paróquia

22- Aceita fazer parte da segunda etapa desta investigação

- () Sim
() Não

Se a resposta acima for sim, deixe aqui o seu nome, e-mail e telefone de contato

ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO NO GOOGLE FORMS – ACESSIBILIDADE NA IGREJA CATÓLICA PARA O PÚBLICO FORMADO POR PAROQUIANOS SEM DEFICIÊNCIA

Acessibilidade na Igreja Católica

Este questionário integra a pesquisa conduzida por Cynthia Santos, aluna do Mestrado em Comunicação Acessível do Instituto Politécnico de Leiria, em Portugal.

A investigação tem como foco principal a análise da inclusão na vida paroquial. A sua participação é essencial e contribuirá significativamente para os resultados do estudo. O questionário é anônimo, e solicitamos que as respostas sejam dadas com sinceridade. Para cada pergunta, selecione a alternativa que melhor representa a sua opinião. Todas as informações serão tratadas com total confidencialidade.

Ao final, caso deseje participar da segunda fase da pesquisa — composta por entrevistas —, pedimos que informe seu nome e contato.

Se tiver dúvidas ou dificuldades ao preencher o questionário, não hesite em entrar em contato conosco pelo e-mail: Email: mestradocynthiasantos@gmail.com

Desde já, agradeço imensamente a sua participação.

1- Paróquia / Cidade / Estado:

2- Sexo * Marcar apenas uma

- () Feminino
() Masculino

3- Idade (colocar em número)

4- Grau de instrução * Marcar apenas uma

- () 1º Grau
- () 2º grau
- () Licenciatura / Bacharelado
- () Mestrado
- () Doutorado

5- Qual a sua participação paroquial?

Marcar apenas uma por linha.

	Nunca participo	Participo esporadicamente	Com alguma Assiduidade	Participo sempre
Missas dominicais				
Missas diárias				
Pastorais				
Grupo de oração				
Catequese				

6- Tem alguma relação com pessoas com deficiência?

Marcar apenas uma.

- () Não tenho nenhuma relação
- () Tenho amigo (s)
- () Tenho familiares
- () Sou cuidador (a)
- () Outra: _____

7- Como você define a inclusão das pessoas com deficiência na paróquia?

Marcar apenas uma.

- () A inclusão é total, com participação ativa e sem barreiras.
- () A inclusão é parcial, com algumas dificuldades ainda existentes.
- () A inclusão é pouca, com muitas dificuldades para a participação.
- () Outra: _____

8- Classifique as barreiras á inclusão na sua Paróquia

	Nenhuma	Pequena	Média	Grande
Atitudinais				
Arquitetônicas				
Comunicacionais				

9- Classifique as atitudes em relação às pessoas com deficiência na Paróquia.

Marcar apenas uma por linha.

	Péssima	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
Falta de empatia.					
Subestimação de capacidades.					
Superproteção					

Receio de interação.					
Capacitismo					
Afastamento					
Falta de acolhimento.					
Falta de compreensão					
Falta de consciência dos direitos das pessoas com deficiência.					

10- Quais as atitudes mais te incomodam na vivencia paroquial?

11- Em relação à comunicação no altar durante a Missa

Marcar apenas uma por linha.

	Péssima	Ruim	Regular	Bom	Excelente
Interpretação em Libras.					
Qualidade do áudio.					
Visibilidade do altar.					
Receio de interação.					
Linguagem simplificada.					

12-Como considera a catequese na sua Paróquia?

Marcar apenas uma por linha.

	Nenhuma	Regular	Bom	Ótimo
Catequese inclusiva				
Catequese em Libras.				
Catequese com material em Braille.				
Catequese com livros em formatos acessíveis.				
Catequese com apoio parental.				

13- Na sua opinião, seria necessário haver missas exclusivas para pessoas com deficiência?

** Marcar apenas uma*

- () Sim, para garantir a plena acessibilidade e participação.
 () Não, as missas devem ser inclusivas para todos, sem distinção
 () Outra: _____

14- Quando uma pessoa com deficiência entra na Igreja, você:

** Marcar apenas uma*

- () Procuo ajudar imediatamente.
 () Procuo ajudar, mas pergunto se precisa de ajuda e como posso fazer.
 () Não me aproximo, pois não sei como interagir com a pessoa.

() Não ajudo, pois, a pessoa com deficiência já sabe lidar com as suas limitações

15- Sobre participação de pessoas com deficiência na sua paróquia.

Marcar apenas uma por linha.

	SIM	NÃO
Conhece alguma pessoa com deficiência que deixou de participar da missa por se sentir excluído		
Já houve algum estudo ou questionamento para melhorar a inclusão das pessoas com deficiência na Paróquia?		
Pessoas com deficiência já foram convidadas a participar de pastorais?		
Conhece alguma pessoa com deficiência que foi impedido de participar de alguma atividade na Paróquia?		
Acredita que as pessoas com deficiência têm as mesmas oportunidades que os demais, de participação nas atividades paroquiais?		
Acredita que os membros da paróquia possuem conhecimentos sobre como incluir uma pessoa com deficiência?		

16- Tem alguma pessoa com deficiência a prestar serviço nas celebrações eucarísticas?

Marcar apenas uma por linha.

	SIM	NÃO
Acólitos		
Leitores		
Ministro de Música		
Ministro da Eucaristia		
Pastoral da Acolhida		
Pastoral do Dízimo		

17 - Escolha uma resposta para cada tema

Marcar apenas uma por linha.

	Fico incomodado	É indiferente	Não me incomodo	Não Tenho opinião
A presença de intérpretes de libras no lado do altar				
Catequese em Libras.				
A participação gestual de membros da assembleia nas celebrações				
Presença de cão guia a acompanhar um cego dentro				

da Igreja.				
Agitação de pessoas com deficiência dentro da Igreja.				
Crianças com deficiência inquietas dentro da Igreja sem o controle dos pais.				

18- Deixe aqui a sua opinião de como ajudar a inclusão das pessoas com deficiência na paróquia

19- Aceita fazer parte da segunda etapa desta investigação

() Sim

() Não

20- Se a resposta acima for sim, deixe aqui o seu nome, e-mail e telefone de contato
